



Número 231
Agosto 2022

ANOS DO
CÉU
E DA TERRA

*Ideal de unir
o Céu e a terra*

*Flashes
de Fátima*



CURSO ON-LINE DE Latim

Patrimônio cultural da Igreja Católica, o latim, além de **língua oficial da nossa fé**, é veículo para o conhecimento de uma literatura que forma a tradição católica e a cultura ocidental. Múltiplas orações, toda a Liturgia de Rito Romano e disciplinas eclesiais, como a Teologia, foram escritas primeiramente em latim. **Por isso a compreensão básica dessa língua é tão importante para a cultura e a fé católica.**

Sabendo disso, a plataforma de formação on-line dos Arautos do Evangelho desenvolveu este curso. Ministrado pela **Ir. Mariana de Oliveira, EP** e composto por dois módulos completos, ele é a oportunidade perfeita para aqueles que desejam aprender a teoria e a prática da língua que, durante séculos, foi utilizada por grandes Santos e doutores católicos.

Tenha também acesso completo a mais de 40 cursos on-line na maior plataforma de formação Católica do país.



Acesse já e inscreva-se!

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

Acompanhe a programação completa dos Arautos através das redes sociais



Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXIV nº 231 - Agosto 2022

Director:

Manuel Silvio de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. Júlio Dinis, 6 - 4º Dto
1050-131 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 11.000 exemplares

SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4

Novos céus e
nova terra (Editorial) 5



A voz dos Papas –
O Pai vos ama!

6



Comentário ao Evangelho –
Como será a glória
do Céu?

8



O milagre do Vístula

16



Quando São Miguel
desceu sobre a Irlanda

18



Sob o fogo inimigo...
e a proteção de Maria!

21



Penhor do cumprimento
das promessas

24



Uma graça
para marcar a vida

28



São Pedro Julião Eymard –
Precursor do Reino
Eucarístico

32



Lei do aborto:
lei ou "aborto" de lei?

36



Delicadezas maternas
de Dona Lucília

38



Arautos no mundo

40



Aconteceu na Igreja e
no mundo

44



História para crianças... –
Qual o seu valor?

46



Os Santos de
cada dia

48



Nobremente sacral

50



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo
da revista diretamente
de seu celular.

Acesse: revista.arautos.org



ESCREVEM OS LEITORES



EXPLICAÇÃO DE VERDADES FUNDAMENTAIS DA IGREJA CATÓLICA

Queria manifestar minha gratidão por receber a revista *Arautos do Evangelho* todos os meses. Ela é de grande apoio espiritual para toda a família. É difícil, hoje em dia, encontrar material católico de tão boa qualidade, não somente por suas fotos e ilustrações, como também por seus artigos, entrevistas e explicação de verdades fundamentais da Igreja Católica.

Dá-me também muita satisfação ver, na seção *Arautos no mundo*, como vosso apostolado cresce a cada dia e conquista mais corações para Nossa Senhora e a Santa Igreja.

Agradeço a todos os autores, sobretudo a Mons. João por seus *Comentários ao Evangelho*, que são uma verdadeira maravilha: muito profundos e minuciosos, mas explicados com tal facilidade que todo mundo os entende.

Continuem com esta grande obra, tão necessária nos tempos em que vivemos. Em retribuição, suplico de modo especial à Santíssima Virgem que ajude os *Arautos* a continuar evangelizando com seu exemplo, dedicação e carisma.

Leonardo Monserrat
Canelones – Uruguai

FONTES FIDEDIGNAS E ARGUMENTOS SÓLIDOS

Parabenizo o autor do artigo *Celibato sacerdotal. O valor de uma alma casta*, pela sua importância para o esclarecimento de dúvidas sobre o tema. Interessantíssimo mostrar o celibato como parte da virtu-

de da continência. Este termo até então era desconhecido para mim como sendo uma virtude. Excelente artigo, baseado em fontes fidedignas e argumentos sólidos.

Bartolomeu Ailton Arruda
Via revista.arautos.org

UMA MENSAGEM CONTUNDENTE

Belo trabalho o de escrever as *Histórias para crianças... ou adultos cheios de fé?* E muito belos são os desenhos que as ilustram. Na história *Perseguido por um olhar*, a mensagem é contundente: Maria sempre vela por nós, pois somos seus filhos. Entregando-nos a Ela, estaremos seguros, protegidos por seu amor, e Ela transformará nosso coração e nossa vida.

karen A. E.
Via revistacatolica.org

LEITURA PRAZEROSA, DE PONTA A PONTA

Quero dizer, com toda a verdade, que a vossa revista *Arautos do Evangelho* é, sem dúvida alguma, a melhor revista católica existente em língua portuguesa! Os artigos de doutrina, *A voz dos Papas*, vidas de Santos, notícias milagrosas, etc. Vejo que têm um gosto especial pelos vitrais! Não sou assinante da revista, mas o meu filho é e, quando me vem visitar, traz-me e eu a leio com todo o prazer, de ponta a ponta!

António Nuno de Sampaio
Porto – Portugal

"A CORRENTE INDESTRUTÍVEL DE MARIA"

Em face dos acontecimentos atuais, jamais foi tão importante que os filhos de Nossa Senhora permaneçamos unidos como nunca. É nessa união que encontraremos as forças para avançar, lutar e, sob a proteção de Nossa Senhora, vencer e juntos proclamar:

“Por fim, o seu Imaculado Coração triunfou”.

Teresita de Jesús Escauriza Troche
Via revista.arautos.org

TESTEMUNHA OCULAR DA EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO "HIPPIE"

Redigo estas linhas como leitor da Revista impressionado pelo que escreveu Mons. João Scognamiglio Clá Dias em seu *Comentário ao Evangelho* intitulado *Espírito de amor e de paz*.

Fiquei impressionado ao ler esse comentário, pois sou testemunha presencial da evolução do movimento hippie.

De 1960 a 1962 vivi no centro de San Francisco, Estados Unidos. Eu era muito jovem e vinha do Chile; nessa época, era como mudar-se de uma pequena província para uma grande cidade. Foi um choque violento com a nova moda hippie e todos os seus excessos. Contudo, impressionou-me favoravelmente notar que este grupo, majoritariamente anglo-saxão e minoritariamente asiático, mostrava-se diante em sua aparência física.

Em 2018 voltei a San Francisco com minha esposa e meu filho, para eles verem, ao vivo, todas as maravilhas e excentricidades que eu lhes havia relatado, durante anos, de minha estadia ali. Ao entrar na cidade em táxi, procedentes do aeroporto, começamos a ver as calçadas lotadas de moradores de rua bêbados e drogados, tudo sujo, pichado e muito feio. Ao observar com maior atenção, dei-me conta de que a grande maioria deles era de origem anglo-saxã, mas pareciam verdadeiros zumbis. Tinha vontade de chorar ao ver a decadência a que os havia levado sessenta anos de prática do lema “paz e amor”.

Eduardo Sahr
Santiago – Chile

NOVOS CÉUS E NOVA TERRA

A sinfonia da criação inicia-se com um solene introito: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1, 1). Conforme o relato bíblico, cada trecho dessa divina melodia era bom; só o seu conjunto foi considerado ótimo, ou seja, o céu e a terra apenas atingiram a perfeição quando unidos entre si.

No Paraíso, Adão e Eva gozavam da harmonia com o Criador. Com o pecado original, porém, o homem voltou-se para a terra, obrigado a trabalhá-la com o suor do rosto, e para ela tornaria como pó. A história do Antigo Testamento percorre, em diversos ritmos, o constante estribilho do homem em busca de sua consonância original, lutando contra as cacofonias cotidianas.

Já nos filhos do primevo casal se vislumbra tal dualidade: Caim ofereceu frutos podres da terra, enquanto Abel apresentou as primícias de seu rebanho, à maneira de incenso elevado ao trono do Altíssimo. Depois o mundo soterrou-se tanto no pecado, que Deus decidiu purificá-lo com o dilúvio. Noé, por sua fidelidade, tornou-se o varão-hífen da promessa, simbolizada pelo arco-íris, elo que unia o céu e a terra. A Torre de Babel, por sua vez, foi a tentativa frustrada da humanidade de se alçar por forças meramente materiais.

Em Abraão, o Senhor restaurou mais uma vez a aliança. A seu neto Jacó foi concedido contemplar a angélica escada que se erguia ao Senhor. Em Moisés, o Onipotente reforçou o pacto com o povo eleito. De Elias se pontua que de tal maneira vivia as realidades do alto, que desta terra mereceu ser arrebatado...

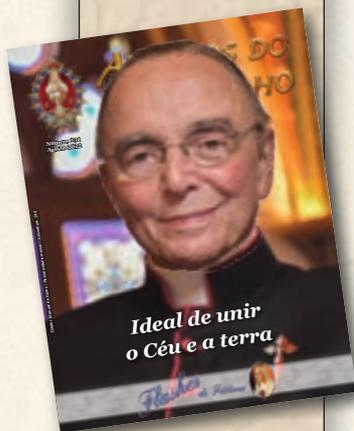
A Encarnação do Verbo rompeu definitivamente as fronteiras entre o Céu e a terra. De fato, como comentam Santo Atanásio e outros Padres da Igreja, Deus Se fez Homem para que o homem se fizesse deus.

Os demônios, porém, não desistiram de lançar os mortais nos abismos infraterrestres, isto é, no inferno. Por isso, na vida pública de Jesus procuravam eles impedir – por doenças, possessões, vexações – o encontro dos homens com o Senhor. Até hoje, a tática diabólica não é muito diferente...

Entretanto, a missão de Jesus não se concluiu com a Redenção. A sua consumação ocorrerá na plenitude dos tempos, quando n’Ele se reunirão “todas as coisas, as que estão nos Céus e as que estão na terra” (Ef 1, 10). E, para tal, o Senhor nos legou três extraordinários auxílios: Maria, a Eucaristia e a Santa Igreja.

Nossa Senhora é a Medianeira por excelência, a Arca da Nova Aliança, cujos esplendores foram manifestados pela Assunção e por diversas revelações privadas. O “Pão do Céu” é propriamente *comunhão*, que desce do alto para que toda a criação seja rerepresentada ao Pai (cf. CCE 1359). Por fim, à Igreja foram confiadas as chaves que ligam e desligam tudo na terra e no Céu (cf. Mt 18, 18).

Nessa perspectiva, celebramos no dia 15 de agosto o natalício de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho, que escolheu justamente como pilares de sua espiritualidade os três auxílios supramencionados. Nesta data, a instituição só pode augurar que a sua missão seja cumprida o quanto antes em plenitude, por meio de um renovado abraço entre o Céu e a terra (cf. Ap 21, 1), isto é, a restauração da completa *harmonia* na sinfonia da criação, que manifeste toda a sua beleza e consonância com o Criador. ✧



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho

Foto: Teresita Morazzani



O Pai vos ama!

A consciência desta predileção por parte de Deus não pode deixar de impelir os crentes a empreenderem, na adesão a Cristo Redentor dos homens, um caminho de autêntica conversão.

Ainda que nem sempre consciente e clara, no coração do homem existe uma profunda nostalgia de Deus, que Santo Inácio de Antioquia assim expressou, de modo eloquente: “Uma água viva murmura em mim e diz-me dentro: ‘Vem ao Pai!’”¹ “Senhor, mostrai-me a Vossa glória” (Ex 33, 18), suplica Moisés na montanha. “Ninguém jamais viu a Deus: O Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer” (Jo 1, 18).

É, então, suficiente conhecer o Filho para conhecer o Pai? Filipe não se deixa facilmente convencer e pede: “Senhor, mostra-nos o Pai”. A sua insistência obtém-nos uma resposta que supera a nossa expectativa: “Estou há tanto tempo convosco e não Me conheceis, Filipe?... Quem Me vê, vê o Pai” (Jo 14, 8-9). Depois da Encarnação, existe um rosto de homem no qual é possível ver a Deus: “Acreditai que estou no Pai, e o Pai em Mim” (Jo 14, 11), diz Jesus não só a Filipe, mas a todos aqueles que acreditarem. A partir de então, quem acolhe o Filho de Deus, acolhe Aquele que O enviou (cf. Jo 13, 20). [...]

Jesus revelou-nos o amor do Pai

Ao transmitir-nos o testemunho direto da vida do Filho de Deus, o Evangelho de João indica-nos o caminho a seguir para conhecer o Pai.

A invocação “Pai” é o segredo, o respiro, a vida de Jesus. [...]

“O Pai vos ama” (cf. Jo 16, 27), desde sempre e para sempre: esta é a novidade inaudita, “o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem”.² Mesmo que o Filho nos tivesse dito só esta palavra, seria suficiente: “Vede com que amor nos amou o Pai, ao querer que fôssemos chamados filhos de Deus. E, de fato, o somos!” (I Jo 3, 1). [...]

“O Pai vos ama”! A consciência desta predileção por parte de Deus não pode deixar de impelir os crentes “a empreenderem, na adesão a Cristo Redentor dos homens, um caminho de autêntica conversão... É este o contexto adequado para a descoberta e a inteira celebração do Sacramento da Penitência, no seu significado mais profundo”.³

A origem de toda autêntica conversão

“O pecado é um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas criadas para que possam amá-Lo e amarem-se mutuamente”;⁴ é a rejeição de viver a vida de Deus recebida no Batismo, de se deixar amar pelo verdadeiro Amor: com efeito, o homem tem o terrível poder de obstaculizar Deus na sua vontade de dar todo o bem. O pecado, que tem origem na vontade livre da pessoa (cf. Mc 7, 20), é uma transgressão do amor verdadei-

ro; fere a natureza do homem e dissolve a solidariedade humana, manifestando-se em atitudes, palavras e ações saturadas de egoísmo.⁵

É no íntimo que a liberdade se abre e se fecha ao amor. Este é o drama constante do homem, que muitas vezes escolhe a escravidão, submetendo-se a temores, caprichos, hábitos errados, criando ídolos que o dominam, ideologias que aviltam a sua humanidade.

Lemos no Evangelho de João: “Todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado” (8, 34). Jesus diz a todos: “Arrependei-vos, e acreditai na Boa-Nova” (Mc 1, 15). Na origem de toda a conversão autêntica há o olhar de Deus para o pecador. É um olhar que se traduz em busca plena de amor, em paixão até à Cruz, em vontade de perdão que, manifestando ao culpado a estima e o amor do qual continua a ser objeto, lhe revela por contraste a desordem em que está imerso, solicitando-o à decisão de mudar de vida. É o caso de Levi (cf. Mc 2, 13-17), de Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10), da adúltera (cf. Jo 8, 1-11), do ladrão (cf. Lc 23, 39-43), da samaritana (cf. Jo 4, 1-30): “O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não o experimenta e



Francisco Lecaros

Última Ceia - Catedral de Santa Maria Coroada, Gibraltar

se não o torna algo próprio, se nele não participa vivamente”.⁶

Um convite a pôr-se diante de Cristo

Quando descobriu e saboreou o Deus da misericórdia e do perdão, o ser humano não pode viver de outra maneira do que converter-se continuamente a Ele.⁷ “Vai e doravante não tornes a pecar” (Jo 8, 11): o perdão é dado gratuitamente, mas o homem é convidado a corresponder-lhe com um sério empenho de vida renovada. [...]

Antes de ser contra uma lei ou uma norma moral, o pecado é contra Deus (cf. Sl 50, 6), contra os irmãos e contra vós mesmos. Ponde-vos diante de Cristo, Filho único do Pai e modelo de todos os irmãos. Só Ele nos revela aquilo que devemos ser para com o Pai, para com o próximo e a sociedade, a fim de estarmos em paz conosco mesmos. [...]

Depois da Encarnação, existe um rosto humano no qual é possível ver a Deus: “Acreditai que estou no Pai, e o Pai em Mim”, diz Jesus

Maria: caminho seguro para o Pai misericordioso

Maria sintetiza na sua pessoa todo o mistério da Igreja, é a “Filha predeterminada do Pai”,⁸ que acolheu livremente e respondeu com disponibilidade ao dom de Deus. “Filha” do Pai, mereceu tornar-Se a Mãe do seu Filho: “Faça-se em Mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). É Mãe de Deus, porque per-

feitamente Filha do Pai. No seu Coração não há outro desejo senão o de sustentar os cristãos no empenho de viverem como filhos de Deus. Como Mãe terníssima, ela os conduz incessantemente a Jesus, a fim de que, seguindo-O, aprendam a cultivar a sua relação com o Pai do Céu. Assim como nas bodas de Caná, convida-os a fazer tudo o que o Filho lhes disser (cf. Jo 2, 5), sabendo que é este o caminho para chegar à casa do “Pai misericordioso” (cf. II Cor 1, 3). [...]

A Maria confio o vosso caminho e peço-Lhe que prepare os vossos corações para acolher a graça do Pai, a fim de vos tornardes testemunhas do seu amor. ✧

Excertos de:
 ✧ SÃO JOÃO PAULO II.
Mensagem por ocasião da XIV Jornada Mundial da Juventude, 6/1/1999

¹ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Ad Romanos*, 7.

² SÃO JOÃO PAULO II. *Christifideles laici*, n.34.

³ SÃO JOÃO PAULO II. *Tertio millennio adveniente*, n.50.

⁴ CCE 387.

⁵ Cf. CCE 1849-1850.

⁶ SÃO JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis*, n.10.

⁷ Cf. SÃO JOÃO PAULO II. *Dives in misericordia*, n.13.

⁸ SÃO JOÃO PAULO II. *Tertio millennio adveniente*, n.54.

“Transfiguração de Jesus”,
por Fra Angélico - Museu
de São Marcos, Florença

Gustavo Krahl



EVANGELHO

Naquele tempo, ^{28h} Jesus levou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar.

²⁹ Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante.

³⁰ Eis que dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. ³¹ Eles apareceram revestidos de glória e conversavam sobre a morte que Jesus iria sofrer em Jerusalém.

³² Pedro e os companheiros es-

tavam com muito sono. Ao despertarem, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele.

³³ E quando estes homens se iam afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, é bom estarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”.

Pedro não sabia o que estava dizendo. ³⁴ Ele estava ainda falando, quando apareceu uma nuvem que os cobriu

com sua sombra. Os discípulos ficaram com medo ao entrarem dentro da nuvem.

³⁵ Da nuvem, porém, saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho, o Escolhido. Escutai o que Ele diz!”

³⁶ Enquanto a voz ressoava, Jesus encontrou-Se sozinho. Os discípulos ficaram calados e naqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto (Lc 9, 28b-36).

Como será a glória do Céu?

Fomos criados para a bem-aventurança, mas como será ela?
Na Transfiguração, o Divino Mestre levanta o véu da eternidade que nos espera se Lhe formos fiéis até o fim.



✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – A GLÓRIA DO SENHOR MANIFESTOU-SE

Se percorrermos as páginas dos Santos Evangelhos, veremos que não consta outra Transfiguração de Jesus além daquela do Tabor. Uma vez ressuscitado, é verdade, apareceu aos Apóstolos no Cenáculo (cf. Mc 16, 14-18; Lc 24, 36-49; Jo 20, 19-29), a Santa Maria Madalena (cf. Mc 16, 9; Jo 20, 1-18) e às Santas Mulheres (cf. Mt 8, 9-10), mas nada indica ter manifestado então a refulgência descrita nessa grandiosa cena que agora contemplamos. Ali, Ele revelou um diminuto fulgor de sua glória, apesar de ocultar a plenitude do resplendor que Lhe é próprio. Que interpretação dar a este fato tão sublime? Que relação poderá ter conosco, dois mil anos depois? Esta passagem presta-se a múltiplos aprofundamentos, com úteis implicações para nossa vida espiritual.

À primeira vista, parece não ter ela um vínculo notável com a vocação do cristão, a qual é recordada tão oportunamente pelo Concílio Vaticano II: “Ainda que, na Igreja, nem todos sigam pelo mesmo caminho, todos são, contudo, chamados à santidade e a todos coube a mesma fé pela justiça de Deus (cf. II Pd 1, 1)”¹. A perfeição não é exclusividade dos clérigos nem dos religiosos, devendo brilhar também nos leigos, de maneira que o espírito católico impregne a realidade temporal. E para ser santo não é necessário fazer milagres, nem possuir dons extraordinários ou transfigurar-se, como o fez Jesus. Já no Antigo Testamento, Deus conclamava Israel à santidade: “O Senhor disse a Moisés: ‘Dirás a toda a assembleia

de Israel o seguinte: sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou Santo” (Lv 19, 1-2). Por conseguinte, não é fácil estabelecer uma relação próxima entre a vocação genérica dos filhos de Deus à santidade e a Transfiguração de Nosso Senhor, que é um fenômeno miraculoso. Analisemos melhor a questão.

Três testemunhas escolhidas

Naquele tempo, ²⁸ Jesus levou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar.

Em que momento se deu a Transfiguração? Seis dias depois, segundo São Marcos, e uns oito, segundo São Lucas, do ato tão marcante em que São Pedro declara que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo (cf. Mt 16, 13-17; Mc 8, 27-30; Lc 9, 18-21), e o Divino Mestre lhe responde: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16, 18). Logo a seguir, entretanto, Jesus anunciou os sofrimentos que O aguardavam em Jerusalém, ainda que o significado de suas palavras não tivesse sido compreendido por seus seguidores.

Os Apóstolos seguiam Nosso Senhor havia já bastante tempo, mas, infelizmente, tinham formado uma dupla visão a seu respeito. Uma era a humana, porque, tendo assumido nossa natureza, sofria as contingências às quais está sujeita. Ele tinha fome e sede; Se cansava, como se pode ver, por exemplo, no diálogo com a samaritana junto ao poço de Jacó (cf. Jo 4, 1-26), quando Ele lhe pede água, pois os Apóstolos tinham

Como em nenhuma outra ocasião, na Transfiguração Nosso Senhor revelou algo de sua glória

Aos que presenciaram a Transfiguração seria pedido que sustentassem os outros no momento da provação

ido providenciar comida; ou então quando dorme na barca (cf. Mt 8, 23-24; Mc 4, 37-38; Lc 8, 22-23). Ao lado dessas aparências comuns havia fatos que denotavam algo de superior n'Ele, como o passar uma noite inteira em oração sem, por tal razão, diminuir sua atividade no dia seguinte (cf. Lc 6, 12-13); curar doentes e expulsar demônios com toda facilidade, por meio de uma simples ordem, ou mesmo ensinar uma doutrina nova e alheia a qualquer escola então existente, sem ter estudos. Ambos os aspectos davam uma ideia de Nosso Senhor difícil de abarcar num só golpe de vista... Havia facetas humanas e divinas que iam se alternando n'Ele, e todos, Apóstolos e discípulos, viam que ali estava o Salvador. Não obstante, devido à errada concepção messiânica que tinham, vê-Lo crucificado seria um desmentido tremendo de tudo quanto esperavam, um verdadeiro abalo em suas convicções, o que lhes faria perder psicologicamente o rumo. Seus mais ardentes anseios se confrontariam com o doloroso desenlace da Paixão, e ante a Morte de Cristo surgiria a pergunta crucial: Ele era ou não o Messias prometido?

Zeloso pastor de seu pequeno rebanho, empenhava-Se Jesus em prepará-los para esses acontecimentos quase iminentes. Sabia Ele o quanto precisavam de um reforço, de um estímulo, para se manterem firmes na fé. Todavia, não convinha ser dado a todos por igual, como afirma São Tomás de Villanueva, ao explicar o motivo de apenas três Apóstolos terem assistido à prodigiosa cena da Transfiguração: “A fim de que o testemunho do que foi visto fosse melhor e mais concludente para os outros, foi necessário ser presenciado por poucos, para que a evidência do fato e a grande quantidade de testemunhas não fizessem perder o mérito da fé”.² Os três deveriam, depois, sustentar os outros no momento da provação, dimi-

nuindo a sensação de insegurança que tinham diante da aparente derrota do Messias. Assim, todos continuariam crendo na divindade de Jesus, apoiados nas palavras dos que haviam presenciado a Transfiguração.

Aqueles eleitos haveriam de presenciar muitas das humilhações de Nosso Senhor Jesus Cristo, durante sua Paixão e agonia no Horto das Oliveiras. Segundo o modo de agir habitual da Providência, Ela pede mais sacrifícios a quem é mais favorecido pela graça, a quem é mais amado. E se alguém tem o privilégio de contemplar maravilhas sobrenaturais, será escolhido, muito possivelmente, para ser provado e demonstrar no amor à cruz a autenticidade de seu amor a Deus. Quando a alma é submetida a tribulações e o fardo parece excessivamente pesado, deve lembrar-se que a cruz é o sinal dos predestinados e, se o momento é de prova, há de chegar a hora da consolação. Deus tudo faz com equilíbrio e ampara as almas na medida de suas necessidades.

Grande deve ter sido a impressão no espírito dessas três testemunhas, a ponto de estar narrado o fato nos três Evangelhos sinópticos, além de São Pedro haver registrado em sua segunda epístola a referência à voz do Pai: “Esta mesma voz que vinha do Céu nós a ouvimos, quando estávamos com Ele no monte santo” (II Pd 1, 18). São João também consignou em seu Evangelho a visão esplendorosa da glória do Filho de Deus,



Gustavo Kralj

Nosso Senhor com os três Apóstolos após a Transfiguração - Museu Nacional do Hermitage, São Petersburgo (Rússia); ao fundo, Monte Tabor (Israel)

referindo-se a este episódio, provavelmente, com estas palavras: “E vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14).

A glória manifestou-se na luz refulgente

²⁹ Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante.

Cristo quis desvelar sua glória “enquanto rezava”. Lição para nós, que tantas vezes damos à oração pouca importância, para dar a primazia às ocupações concretas do dia a dia. A oração torna a nossa alma celestial e, por isso, é mister nunca deixar de rezar.

Como entender a fulgurância de Jesus manifestada nesta ocasião? Ele quis mostrar uma centelha do que assistiremos no Céu. Com efeito, era impossível a Pedro, João e Tiago contemplar a divindade de Nosso Senhor com o sentido da visão, por ser uma realidade fora do alcance da natureza humana, nesta terra. Só nos será dado vê-la no Céu, com o olhar da alma. Mas, no momento da Transfiguração, eles alcançaram aquilo que o olho humano capta, isto é, a refulgência exterior do Corpo sagrado do Senhor. A glória do Corpo era apenas um reflexo da glória da Alma, muitíssimo mais esplendorosa.

O auge da Antiga Lei curva-se ante o Evangelho

³⁰ Eis que dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. ³¹ Eles apareceram revestidos de glória e conversavam sobre a morte que Jesus iria sofrer em Jerusalém.

Moisés era o ponto máximo da história verdadeiramente grandiosa do povo hebreu, marcada por figuras ímpares como Abraão, Isaac, Jacó, José e tantos outros. A vida desse homem providencial é pontilhada de acontecimentos estupendos. Talvez no Antigo Testamento não tenha havido alguém semelhante a ele, não só pelo porte de sua vocação, como também por sua intimidade com Deus, a ponto de afirmar o Autor Sagrado: “O Senhor se entretinha com Moisés face a face, como um homem fala com o seu amigo” (Ex 33, 11). Por sua vez, Elias, com uma existência também caracterizada pela ação divina e pela grandeza, era considerado o auge do profetismo,

sendo objeto de especial veneração pelos israelitas piedosos, pois sua missão não estava encerrada. Apesar de ter sido arrebatado num carro de fogo de forma misteriosa, o profeta Malaquias profetizava seu regresso para desempenhar ainda uma missão especial junto ao povo eleito (cf. Ml 3, 23-24). Esse conjunto de circunstâncias fazia com que sua memória fosse muito viva entre todos, quase como se Elias, até então, estivesse entre eles.

O fato de ambos aparecerem no Monte Tabor, decerto numa atitude de submissão a Jesus, cujos pormenores não nos conta a singela narração evangélica, confirmava de maneira ainda mais clara às três testemunhas aquilo que a própria Transfiguração dizia por si: Jesus Cristo era realmente o Messias prometido, o Filho de Deus.

Uma enorme graça pouco compreendida

³² Pedro e os companheiros estavam com muito sono. Ao despertarem, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele.

³³ E quando estes homens se iam afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, é bom estarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Pedro não sabia o que estava dizendo.

A reação de Pedro atesta como lhe era difícil não expressar em palavras tudo quanto acontecia em torno dele. O que ele dissera tinha razão de ser, pois refletia o desejo de perpetuar aquela situação de felicidade paradisíaca.

Eles estavam extasiados por maravilhas nunca vistas, mas ao mesmo tempo tinham medo (cf. Mc 9, 5-6), pois conservavam certo apego a muitos princípios que não correspondiam ao que se desenrolava diante de si. Todo o desejo de um Messias temporal, que haveria de resolver os problemas de Israel, ficava reduzido a uma bagatela diante de cena tão magnífica. Ao verem Jesus resplandecente, não devem ter entendido bem o alcance da Transfiguração, porque ainda não estavam preparados para assimilar tudo quanto Ele queria ensinar-lhes. A noção verdadeira do Salvador ainda não se tinha constituído no espírito deles e aquele episódio entrava em choque com os conceitos distorcidos que predominavam na sua mente. Essa contradição não impedia que eles tivessem a experiência do que é um corpo depois de se unir outra vez à sua própria alma. “A fé”, nos diz São Paulo, “é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se

Na refulgência exterior do Corpo sagrado de Jesus, aqueles discípulos contemplaram um reflexo da glória de sua Alma

Ao contrário do que fizeram os Apóstolos, devemos viver sempre em função da visualização que as graças místicas nos oferecem

veem” (Hb 11, 1). E naquele instante eles viam com antecipação uma realidade anunciada pela fé, ou seja, o esplendor do que será um corpo glorioso. Tudo isso era acompanhado de graças, porque se Nosso Senhor Se transfigurasse sem lhes proporcionar um auxílio sobrenatural especialmente sensível, de que adiantaria? A mera razão não seria capaz de sustentá-los, sendo necessárias essas graças com que Deus nos educa e conduz à santidade.

Filhos adotivos, Deus nos ama como ao seu Filho único

³⁴ Ele estava ainda falando, quando apareceu uma nuvem que os cobriu com sua sombra. Os discípulos ficaram com medo ao entrarem dentro da nuvem. ³⁵ Da nuvem, porém, saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho, o Escolhido. Escutai o que Ele diz!”

Para fixar ainda mais na sensibilidade dos Apóstolos o quanto era importante aquela visão, deu-se o fenômeno narrado nestes versículos. Detenhamos nossa atenção na palavra “Filho”. Nosso Senhor Jesus Cristo é a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Deus Filho, o único Filho gerado pelo Pai. Mas nós estamos incluídos nesta filiação, pois somos filhos adotivos de Deus pelo Batismo e, portanto, somos irmãos de Jesus, fazemos parte da família divina. A glória ali revelada era uma antecipação da mesma glória que teremos na eternidade, se correspondermos a essa altíssima condição. Para isso, devemos escutar “o que Ele diz”, porque “um só é o vosso mestre, o Cristo” (Mt 23, 10).

Em “o Escolhido” o Pai colocou tudo o que podia, ou seja, o infinito de Bondade, de Verdade e de Beleza. A nós também, que somos seus escolhidos, Ele concede dons incalculáveis no Batismo e em todos os outros Sacramentos. Ele infunde o bem existente em nós, por seu amor. Ser



Jesus manifesta sua glória, detalhe da “Transfiguração do Senhor” - Catedral de Ávila (Espanha)

amado de Deus é um privilégio extraordinário que devemos cuidar cuidadosamente, afastando-nos do pecado e, se tivermos a infelicidade de perder o estado de graça, devemos procurar recuperar logo a amizade de Deus, trilhando as vias do arrependimento, para nos aproximarmos do tribunal misericordioso da Penitência.

As consolações não duram sempre

³⁶ Enquanto a voz ressoava, Jesus encontrou-Se sozinho. Os discípulos ficaram calados e naqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto.

Toda alegria neste mundo tem seu término. Concluída aquela grande experiência mística, era preciso que os três Apóstolos descessem do monte para se dedicar à evangelização,

sempre cheia de obstáculos e vicissitudes. Quando cessa a graça sensível resta-nos a graça cooperante que nunca falta, mas exige nossa colaboração, tantas vezes deficiente. E começam os problemas, pois na vida cotidiana não temos a mesma clareza para entender as coisas sobrenaturais como nos momentos de atuação da graça operante sobre nós.³ Como sublinham os Evangelistas, os Apóstolos tinham dificuldade de compreender o panorama da Morte e Ressurreição descortinado por Nosso Senhor diante deles no Tabor (cf. Mt 17, 21-22; Lc 9, 44-45; Mc 9, 31-32); tendiam a interpretar aquilo que tinham presenciado com critérios humanos – no relato de outro Evangelista eles se perguntavam entre si o que significaria “ser ressuscitado dentre os mortos” (Mc 9, 10) – e, pouco depois, pensavam em quem seria o maior (cf. Lc 9, 46): já haviam se esquecido das consolações da Transfiguração. E quando se depararam com a pavorosa tribulação da Paixão de Cristo, vacilaram, fugiram.

Deste fato podemos também extrair uma lição para a nossa vida espiritual. Para não perder de vista os horizontes sobrenaturais e não vir a

cair em tentação, temos de viver em função da visualização que as graças místicas nos oferecem. Elas são muito mais frequentes do que se pensa na vida espiritual dos fiéis, e um valioso auxílio para perseverar nas ocasiões de prova.

II – UM REFLEXO DO ABSOLUTO

A Transfiguração nos dá ideia do reflexo de Absoluto preparado para quem for para o Céu. Detenhamos a atenção neste destino último, a nossa ressurreição em estado de glória, se pela misericórdia de Deus nos salvarmos.

Para melhor se entender no que ela consiste, consideremos primeiro a situação do Homem-Deus. Embora Ele Se apresentasse com um Corpo padecente, este deveria ser glorioso,⁴ a vários títulos: em virtude da união hipostática, isto é, da união da natureza divina com a humana na Pessoa do Verbo; por sua Alma estar na visão beatífica a partir da concepção; e, por fim, pelos méritos conquistados por sua Morte na Cruz.

Nós, obviamente, não temos uma união hipostática com uma Pessoa Divina, mas, guardadas as devidas proporções, somos chamados a ver a Deus face a face no Céu, além de sermos beneficiados pelos méritos de nosso Divino Redentor, transferidos para nós por sua infinita clemência. Temos, então, como Jesus, os títulos que nos garantem a aquisição do corpo glorioso após a ressurreição dos mortos. Por isso, a Transfiguração nos dá uma noção de como seremos na eternidade, estimulando em nós a esperança, pois, como afirma o Apóstolo, seremos na vida futura semelhantes a Cristo e com Ele triunfaremos, “contanto que soframos com Ele, para que também com Ele sejamos glorificados” (Rm 8, 17).

Assim, pelo testemunho dos três Apóstolos acerca deste milagre nos foi indicado como

será a felicidade do Céu, o que levou São Pedro a querer fazer três tendas no Tabor para nunca mais sair dali. Ele sentia uma alegria interior que lhe dava o desejo de não descer do monte, de esquecer as lutas e trabalhos ainda à sua espera embaixo, tal como nos acontece quando somos pervadidos de uma grande consolação sobrenatural... gostaríamos que jamais terminasse!

A herança celeste

Ora, como bem sabemos, o Céu é a herança dos filhos de Deus. A fim de compreender mais a fundo esta verdade, façamos um contraste. Se consideramos como é o inferno, constatamos nele a total ausência de amor: lá ninguém ama o próximo, vive-se num delírio de ódio de uns contra os outros, seja em relação aos Bem-Aventurados do Céu, seja em relação a quem participa da mesma desgraça. É o ódio perpétuo, a tudo e a todos. Pelo contrário, no Céu vive-se eternamente no amor. E se o amor causa felicidade, será essa a essência do Céu, resultante da visão beatífica, porque é uma necessidade da inteligência aderir à verdade e da vontade amar o bem ao seu alcance. Tal aspiração das potências da alma será saciada em sua plenitude na posse da visão do próprio Deus.

Uma figura pode ajudar-nos a alcançar melhor esta realidade: ao ser-nos apresentada uma fruta extraordinariamente bela e saborosa, como a manga quando está no ponto exato de maturação, exalando seu atraente perfume, nossa inteligência percebe sua autenticidade, fazendo com que a vontade de comê-la cresça. Se, ao prová-la, o sabor corresponder ao esperado, a vontade e a inteligência estarão atendidas e nos sentiremos satisfeitos.

Poder-se-ia contestar tal demonstração com a existência do mal, pois pareceria que o homem o

*Ver a Cristo
em seu
esplendor
nos dá uma
noção de como
seremos na
eternidade
pois, se com
Ele soframos,
com Ele
seremos
glorificados*

Timothy Ring



Os Apóstolos contemplam o fulgor de Jesus,
detalhe da “Transfiguração do Senhor” - Catedral de Ávila (Espanha)

*Se nesta vida
a compreensão
de certas
verdades nos
traz alegria,
como será
a felicidade
no Céu, onde
teremos um
empréstimo
da própria
inteligência
divina?*

ama, por exemplo, quando peca. Com efeito, ao praticar o mal o homem se ilude, julgando enganosamente encontrar o bem no pecado, pois, ele não é capaz de amar o mal pelo mal e de abraçar o erro pelo erro.⁵ São as aparências falsas sugeridas pelos sentidos que obnubilam a inteligência e enfraquecem a vontade.⁶ No roubo – para falar de alguns pecados –, o ladrão quer obter para si um bem, a propriedade alheia, sem o incômodo e o esforço de trabalhar com honestidade. Ele sabe que é uma violação da Lei de Deus, um prejuízo grave para o lesado e para a ordem, mas opta com egoísmo por sua própria vantagem. Para vencer a resistência de sua consciência, forjará sofismas a fim de justificar o ato ilícito e dar-lhe certos ares de bem, sem os quais não conseguiria cometê-lo. Pela mesma razão, a heresia procura revestir-se das roupagens da verdade para ter livre curso: se ostentasse o erro sem véus, ninguém a aceitaria.

No Céu, onde não há fraude, encontra-se o Bem e a Verdade em essência e, por isso, é impossível ao homem deixar de amar. Desta forma, a partir do momento em que a alma vê a Deus, na visão beatífica, a inteligência e a vontade aderem de imediato a Ele, de maneira absoluta e irrevogável.

Como será a felicidade no Céu

Todos nós fomos criados para Deus, e é por Ele que nossa alma anseia. Do fato de O possuímos no Céu vem essa plenitude de gozo. Por que plenitude? Porque a intensidade e a duração da alegria dependem da qualidade do objeto possuído. Se é pequena, com o tempo se gasta e nos cansamos dele, como costuma acontecer, mais cedo ou mais tarde, em relação aos bens materiais e a tudo quanto é deste mundo. O prazer humano é caduco. Quem poderá ouvir sem interrupção a mesma música, por mais bela que seja, ou contemplar durante anos, sem mover-se, uma única paisagem? Nesta vida não há o que não termine por enfadivar. Mas Deus não, porque no Céu Ele será visto em seu todo, mas não totalmente. E como é a Suprema Verdade e Beleza, sempre apresentará a nossos olhos aspectos novos pela eternidade inteira, sem nunca nos entediar.

“Então”, comenta São Roberto Belarmino, “a sabedoria não consistirá mais numa investigação da divindade no espelho das coisas criadas, mas na própria visão descoberta da essência de Deus, causa de todas as causas, e da primeira e Suma

Verdade”.⁷ O desejo natural de conhecer e de saber se sacia com esta visão, pois nosso entendimento será elevado pela luz de Deus – o *lumen glorie* –, para ser capaz de compreendê-Lo da forma mais perfeita possível à nossa condição. E se nesta vida a noção de certas verdades nos traz alegria, qual será a felicidade originada pela dilatação da inteligência humana por um empréstimo da inteligência divina?

Contudo, o gozo celestial não seria completo se fosse restrito tão só a atender os anelos da inteligência. Também a vontade alcança nele a plenitude de sua satisfação. O coração tem necessidade de amar e de ser amado, e nada produz tanta felicidade quanto realizar esse ideal, ainda que seja de modo passageiro. Quando alguém a quem prezamos muito, sobretudo se é superior a nós em algum ponto, nos diz “Eu te estimo muito!”, nosso coração se alarga por nos sentirmos amados. Como será imenso nosso júbilo quando Deus nos disser: “Meu filho, Eu te quero muito! Tanto que te criei, e foi meu amor que infundiu em tua alma todo o bem existente nela. Vem, meu filho! Aqui estou Eu para ser o teu gozo eternamente!” Diz Santo Afonso que as almas “no Céu têm certeza de que amam e são amadas por Deus. Veem que o Senhor as abraça com um grande amor, que nunca mais cessará, por toda a eternidade”.⁸ Esta é a felicidade no Céu!

Felicidade que sacia sem saciar, porque não produz fastio. Assim como a Verdade, também a Bondade de Deus é infinita, proporcionando ao homem sempre conhecer algo novo e digno de ser amado. Os Santos criaram uma imagem muito expressiva ao comparar o deleite eterno a uma sede que, satisfazendo-se, nunca se sacia: sede de sede. “Os bens celestes saciam e sempre alegam o coração [...]. E, apesar de saciar plenamente, parecem sempre novos, como se fosse a primeira vez a degustá-los; sempre os fruímos e sempre os desejamos; sempre os desejamos e sempre os alcançamos”.⁹

III – JESUS TRANSFIGUROU-SE PARA CADA UM DE NÓS

Todas essas considerações sobre a glória do Céu nos fazem compreender melhor o significado do Tabor. Quando Jesus Se transfigura diante dos Apóstolos, também o faz diante de cada um de nós, porque a Liturgia permite beneficiarmos-nos hoje da efusão de graças que houve há dois mil

anos naquele acontecimento. Participamos do mesmo encanto de São Pedro, de São João e de São Tiago. E à distância entendemos – talvez melhor ainda que os Apóstolos ali – a mensagem que o Divino Mestre quer transmitir para nosso bem.

Todo cristão, quando segue com fidelidade os passos de Jesus, tem em sua vida espiritual momentos de Tabor, nos quais vê com particular clareza o esplendor de Nosso Senhor Jesus Cristo. É a hora da Transfiguração. Poderá ser numa celebração litúrgica, ao receber a Eucaristia, durante uma Confissão, quando faz uma ora-

ção notadamente fervorosa ou, até mesmo, numa circunstância inesperada de seu dia a dia. Quem escolhe a ocasião para favorecer a alma com graças místicas é o Espírito Santo. A recordação dessas infáveis consolações deve ser guardada na memória com cuidado, como quem cola num álbum as fotos dos melhores episódios da vida, para reviver, mais tarde, a felicidade daqueles instantes únicos.

Também, em sentido contrário, o bom cristão tem ao longo da caminhada terrena suas Sextas-Feiras de Paixão. É, então, quando mais se assemelha ao Salvador. Serão simples dificuldades, poderá ser uma penosa doença, problemas familiares, reveses financeiros, dramas, desilusões, decepções ou tragédias que nunca faltam... Parece, então, que fomos abandonados por Deus, que Ele não ouve a nossa prece, o nosso clamor de angústia, e somos tentados contra a fé, vacilamos, duvidamos. Jesus dá a impressão de estar distante. Mas, não! Ele está mais próximo de nós, por mais que não sintamos sua presença ao nosso lado. Devemos, portanto, fazer um pequeno esforço, que não cansa nem dá trabalho, de rememorar nossos momentos



O Paraíso, “Les très riches heures du Duc de Berry” - Museu Condé, Chantilly (França)

de transfiguração, nos quais percebemos seu auxílio com mais intensidade, seu amor de Pai e sua solicitude de Pastor em relação a nós. Essa simples lembrança nos fortalecerá na fé, poderá reavivar as consolações com as quais fomos favorecidos no passado e nos ajudará a atravessar os períodos de aridez ou as provações e tribulações da existência. A esperança do prêmio eterno é um valioso alento para suportar, com resignação cristã, a cruz de todos os dias, da mesma forma que os três Apóstolos tiveram mais ânimo durante a Paixão por terem testemunhado a Transfiguração, e São

João pôde estar ao pé da Cruz, no Calvário, ao lado de Maria Santíssima e das Santas Mulheres. Saibamos dar valor a esses lampejos de Tabor, pois são a chave de nossa vida espiritual, o fundamento de nossa perseverança. ✧

¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.32.

² SÃO TOMÁS DE VILLANUEVA. Concio 94. Dominica secunda Quadragesimæ, n.1. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2011, v.II, p.735.

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.111, a.2.

⁴ Cf. Idem, III, q.14, a.1.

⁵ Cf. Idem, I-II, q.77, a.2.

⁶ Cf. Idem, q.75, a.2, ad 1; q.77, a.1.

⁷ SÃO ROBERTO BELARMINO. *Elevação da mente a Deus pelos degraus das coisas criadas*. São Paulo: Paulinas, 1955, p.247.

⁸ SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. Sermones abreviados para todas las dominicas del año. P.II, S.II, serm. 54. In: *Obras Ascéticas*. Madrid: BAC, 1954, t.II, p.918-919.

⁹ Idem, p.919.

Os “lampejos de Tabor” que experimentamos em nossa vida espiritual são a chave para nossa perseverança em meio às tribulações desta terra

O milagre do Vístula

Em meio à pretensão russa de um governo universal, inicia-se a Guerra Polaco-Soviética. Ante a perspectiva de uma derrota certa, só restava à Polônia, e talvez ao mundo, um recurso de salvação...



✉ Miguel de Souza Ferrari

Nada parece capaz de conter o avanço russo. Na Ucrânia já tremula a bandeira vermelha.

Agora os comunistas dirigem-se à Polônia. Após conquistar o país, logo rumarão para oeste; desejam, depois de dominar toda a Europa, submeter também a América e a Ásia. A expansão universal desse câncer está apenas começando. Mas, para isso, devem primeiramente subjugar o obstáculo polaco.

Avançando irrefreavelmente, o Exército Vermelho chega a Varsóvia e inicia um enfrentamento às margens do Rio Vístula. Os bolcheviques começam a prevalecer no combate. Todos veem que a derrota dos poloneses é inevitável.

Não, esta não é uma conjectura a respeito de um futuro imediato, mas um fato que se deu há cem anos...

O perigo soviético

O Tratado de Versalhes, em 1919, encerrara por fim as disputas territoriais que motivaram um dos maiores acontecimentos do século XX: a Primeira Guerra Mundial. Por meio do

acordo, as fronteiras de muitos países viram-se modificadas, sendo a Polônia um dos maiores beneficiados. Com efeito, desde o século XVIII esta nação estava dividida entre os Impérios Austríaco, Prussiano e Russo, e o pacto veio a restituir-lhe a independência.

Enquanto isso, no país dos czares um outro fato chamava a atenção do mundo: a Revolução Comunista. Em 1917, os bolcheviques destituíram o Imperador Nicolau II, instaurando o regime socialista soviético, sob a liderança de Vladimir Lênin. O objetivo dos vermelhos consistia em, a partir da Rússia, dominar todo o orbe: “Os interesses do socialismo e da revolução mundial estão acima dos interesses nacionais, dos interesses do Estado”,¹ afirmou Lênin em maio de 1918. Para tal, era de máxima importância conquistar outros territórios, a fim de fazer frente ao capitalismo ocidental.

Guerra Polaco-Soviética

Em meio à pretensão russa por um governo universal, iniciou-se a Guerra Polaco-Soviética. O general polonês Josef Pilsudski rompeu a fronteira da Ucrânia soviética, juntamente

com o líder nacionalista deste país Szymon Petlura, avançando sobre Kiev.

Embora a primeira investida tenha sido frustrada e as falanges polaco-ucranianas obrigadas a se retirar, Lênin aproveitou a ocasião como pretexto para enviar o Exército Vermelho, a fim de sovieterizar a Polônia.

Os poloneses recuavam cerca de quinze quilômetros por dia. Após uma seguidilha de vitórias, os bolcheviques chegaram a Varsóvia, comandados por Tukhatchevsky, um “‘Napoleão’ soviético de vinte e oito anos”.² A vitória russa parecia inevitável.

Angustiadíssimos e sem esperança de obter ajuda da parte de outros países ocidentais, milhares de poloneses reuniram-se em Czestochowa, a fim de recorrer à única que lhes poderia prestar auxílio naquele momento. Ela os havia salvado outrora; por que não o faria de novo?

Nossa Senhora de Czestochowa

A cidade medieval de Czestochowa, mais especificamente o mosteiro de Jasna Gora – Monte da Luz –, é um grande polo de atração para a piedade polonesa, pois contém um tesouro

Rio Vístula (Polônia)

inestimável: uma milagrosa imagem de Nossa Senhora, também conhecida como *Virgem Negra*.

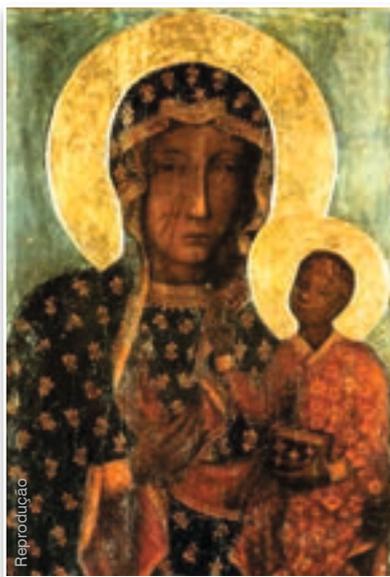
Segundo uma piedosa tradição, ela fora pintada por São Lucas, numa mesa feita pelo próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto o Evangelista conversava com Maria Santíssima! Santa Helena encontrou a imagem em Jerusalém e levou-a a Constantinopla, onde permaneceu por volta de quinhentos anos. Depois tornou-se objeto de vários dotes e, no século XIV, chegou às mãos do príncipe polonês Ladislaus Opolszyk.

Certo dia, quando a Polônia estava em guerra com os tártaros, uma flecha inimiga entrou por uma janela do castelo de Ladislaus, em Belsz, e cravou-se na garganta do sagrado ícone.

Para protegê-lo, o príncipe decidiu levá-lo a Opala, sua cidade natal. Entretanto, ao fazer uma parada em Częstochowa, deixou a imagem numa pequena capela de madeira durante a noite. No dia seguinte, ao se preparar para sair, recolheu-a e levou-a à sua carruagem. Qual não foi sua surpresa ao ver que seus animais se recusavam a andar, por mais que os cocheiros os estimulassem.

Ladislaus, entendendo a vontade de Nossa Senhora, decidiu deixá-La na mencionada capela. A partir de então, a imagem passou a chamar-se Nossa Senhora de Częstochowa. Em torno dela se construíram o mosteiro e a igreja de Jasna Gora, e logo se propalou a devoção mariana pela região. Milhares de peregrinos acorriam para rezar à Virgem Negra.

Não tardou para que Ela começasse a realizar prodígios. Em 1655, o mosteiro foi sitiado pelos suecos, que haviam conquistado Varsóvia, Cracóvia e Poznan. Por quarenta dias, um con-



Reprodução

Durante a invasão comunista, foi a Ela que o povo recorreu...

Ícone original de Nossa Senhora de Częstochowa - Mosteiro de Jasna Gora, Częstochowa (Polônia)

tingente de duzentos soldados, alguns nobres e setenta monges resistiram ao cerco levado a cabo por mais de três mil homens. A batalha foi milagrosamente vencida pelos poloneses, os quais atribuíram a vitória a Nossa Senhora. O Rei João II Casimiro consagrou a Polônia à Virgem Maria, declarando-A sua Rainha e Padroeira.

No ano de 1920, durante a invasão comunista, foi a Ela que o povo recorreu...

A Batalha do Vístula

A batalha final deu-se no dia 15 de agosto de 1920, festa da Assunção de Nossa Senhora, junto às margens do Rio Vístula.

Subitamente, a armada russa começou a recuar. Os poloneses logo desferiram uma contraofensiva que os empurrou até a Prússia Oriental. Quase cem mil soldados russos se entregaram ao exército polonês. Alguns historiadores afirmam que, até hoje,

parece impossível encontrar a causa da “esmagadora derrota sofrida pelo Exército Vermelho”.³

Nós, porém, discordamos. É-lhes impossível encontrá-la, porque a buscam no lugar errado. De que adianta procurar sobre a terra, algo que se encontra no Céu? Naquele dia Nossa Senhora apareceu nas nuvens, sobre Varsóvia, afugentando os comunistas. Imediatamente a vitória foi atribuída à Virgem Negra e o evento tornou-se conhecido como o milagre do Vístula.

Maria é a Rainha da História

“Prepara-se o cavalo para o dia da batalha, mas é do Senhor que depende a vitória” (Pr 21, 31), reza o Livro dos Provérbios. Se as forças humanas não podiam, de nenhum modo, frear a investida adversária, a própria Rainha dos Céus, “temível como um exército em ordem de batalha” (Ct 6, 4), decidiu intervir.

Quase diríamos ser esta uma regra do socorro marial em todos os tempos e ocasiões: ele costuma manifestar-se só quando os homens chegaram ao extremo limite de seus esforços e, como que, sentem-se circundados pelo acre odor do fracasso, a fim de fazê-los perceber que a vitória se deve unicamente a uma ação da Virgem.

Assim, podemos estar certos de que, mesmo quando tudo parece perdido, nossa Rainha e Protetora continua a ter nas mãos as rédeas da História. ✧

¹ PIPES, Richard. *História concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p.305.

² DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja das Revoluções. II – Um combate por Deus*. São Paulo: Quadrante, 2006, p.318.

³ PIPES, op. cit., p.313.

Quando São Miguel desceu sobre a Irlanda

“Skellig Michael”: tal é o nome de uma ilha no Atlântico que possui uma misteriosa presença do Arcanjo São Miguel. Sua história remonta aos tempos de São Patrício, mas apresenta uma importante lição para os nossos dias.



✉ Ir. Elizabeth Veronica MacDonald, EP

Por estranho que pareça a quem contempla a íngreme ilha-montanha *Skellig Michael*, ela foi assinalada como “um lugar santificado por mil anos de oração”.¹

Quase perdida no mar, a onze quilômetros da costa irlandesa, ela atrai cerca de onze mil pessoas por ano para uma excursão arriscada, em que se pode conhecer de perto a atmosfera sobrenatural criada pelos fatos ali transcorridos. Com efeito, embora as construções em seu cume mais pareçam colmeias pré-históricas do que habitações humanas, elas foram erigidas por mãos que sabiam empreender obras de fé e de piedade.

Sem mais delongas – e sem precisar subir a musgosa escada que dá toda espécie de voltas até o pico –

desvendemos algo de sua história, envolta nas névoas do tempo...

Das trevas à luz

No século V, o grande São Patrício encetou a epopeia de arrancar a nação irlandesa das garras do paganismo.

A terra situada no noroeste da Europa, que em tempos vindouros seria apelidada *Ilha dos Santos*, jazia, naquele longínquo então, nas mãos dos druidas e do politeísmo celta. Entende-se, assim, que cabia ao Apóstolo da Irlanda ser seu exorcista. Acender ali a tocha da fé significava, antes de qualquer outra ação, repelir serpentes venenosas, sapos, magos e, sobretudo, os seres invisíveis que oprimiam as almas. Foi ele quem tirou o povo “do culto aos ídolos e aos espectros, que venceu e destruiu os ídolos que adora-

vam; que expulsou os demônios e espíritos malignos de dentro deles, e os trouxe das trevas do pecado e do vício para a luz da fé e das boas obras”.²

Sua ousada ofensiva redundou em uma vitória retumbante para a Santa Igreja. Uma vez limpo o terreno, a Palavra do Evangelho fincou nele profundas raízes. A ilha se tornou um foco de monaquismo para a Europa e seus missionários estiveram na vanguarda do desbravamento de novos campos para a Fé.

Muitos até hoje se maravilham ao constatar como um homem conseguiu tamanho êxito, de maneira tão duradoura, quase por si só. Mas o manso Patrício jamais considerou sua missão assim. A grandeza dele residia essencialmente em admirar e até emocionar-se diante da própria pequenez en-

Ilhas Skellig (Irlanda); em primeiro plano, Skellig Michael



quanto instrumento do Todo-Poderoso. A sua eficácia estava em saber a quem apelar na hora do apuro!

O Sumo Rei dos Anjos

Segundo a tradição registrada no século XIII por monges irlandeses, São Patrício empurrou os demônios até a margem sudoeste da Irlanda, num lugar isolado. Tratava-se de um penhasco de quase vinte e dois hectares, fora da Península Iveragh, no meio do Atlântico. A fim de derrotá-los e expulsá-los definitivamente, com os braços erguidos, o patriarca recorreu à ajuda celestial, invocando o Arcanjo São Miguel.

Eis que, então, iluminaram-se os céus e um exército angélico apareceu no pico sob o comando deste Sumo Rei dos Anjos. Eles pelejaram contra os demônios, lançando-os no oceano. Depois do extermínio, os espíritos celestes se agruparam em torno de seu invicto general e regressaram ao Céu. O Arcanjo, porém, deixou na montanha o seu escudo milagroso.

A ponta da espada de São Miguel

Que São Miguel tem predileção pelo local é um fato que até mesmo a geografia sublinha. O mosteiro de Skellig Michael situa-se numa linha invisível de sete santuários miquelinos, que se estende desde a Irlanda até Israel, compondo no mapa a forma de uma espada.

Ao longo da misteriosa e célebre “espada de São Miguel”, cada local é marcado por uma especial presença e ação do Arcanjo. A maioria desses santuários está construída sobre montanhas e alguns deles em ilhas, como o famoso Mont Saint-Michel, na costa da Normandia, e o Saint Michael’s Mount, em Cornwall, Inglaterra. O mosteiro de Skellig Michael é o mais afastado de todos, sendo, portanto, a “ponta da espada”.

Subindo o Skellig Michael hoje

Os que hoje o visitam, realizam uma jornada inesquecível. O percor-



Invocado por São Patrício, São Miguel apareceu com seu exército celeste no pico da ilha, lançando os demônios no oceano

São Miguel derrota o Dragão - Museu Nacional de Arte Ocidental, Tóquio

so de barco, em si, já constitui uma aventura. Ora, ele é apenas o primeiro rubicão. Chegados a seu termo, os peregrinos depararam-se com um verdadeiro penhasco a ser escalado! Enquanto se preparam para a subida, escutam as diretrizes acerca dos riscos e da ausência de comodidades turísticas na ilha...

A beleza do pico, porém, tornou-se para todos uma ampla recompensa. Àquela altura, tem-se uma visão de pássaro – ou melhor, de um Arcanjo guerreiro! – do território irlandês.

Ali, a natureza parece imbuída da beleza espiritual de São Miguel. As aves marítimas esvoaçam sobre os desafiadores abismos, simbolizando a superioridade do Príncipe da Milícia Celeste sobre os infernos. Os ventos enfurecem as ondas, fazendo-as espumar contra os rochedos,

representando, certamente, a força de impacto irresistível com que o Condestável do Altíssimo se lançou contra Satanás. Os raios e os trovões, que muitas vezes vêm coroar esse cenário, fazem intuir o brado daquele que foi o primeiro a defender os direitos do Criador: “*Quis ut Deus?* – Quem como Deus?”

A vida no meio do oceano

Sobre o vertiginoso cume, há também um mosteiro, conservado em sua forma original desde meados do século VI, quando foi construído sob o abaciado de São Finiano de Clonard, um dos pais do monaquismo irlandês e mestre dos chamados Doze Apóstolos da Irlanda.

Ora, muitos talvez se perguntem como podem ter sobrevivido ali tantos monges, a duzentos e dezoito metros acima do nível do mar... Ainda mais se tratando de irlandeses, caracterizados por sua ternura, musicalidade e sociabilidade! Terão sido os religiosos de Skellig Michael “super-homens” que despertavam em suas austeras celas sôfregos por descer os seiscentos e setenta degraus que eles mesmos haviam cravado na rocha, para pescar seu desjejum? Ou que aguardavam com prazer as perigosas idas à ilha adjacente – o Little Skellig – para colher ovos para o almoço? Ou ainda, que adicionaram ao mosteiro, composto de celas, oratório e mais tarde uma igreja, um eremitério solitário num cantinho especialmente agreste, no pico sul, por simples espírito de aventura?

Uma vida desse gênero só se compreende como sendo fruto de um arroubo de entusiasmo sobrenatural. A rudeza do edifício e a austeridade dos costumes ali vividos atestam a substância e a fé daquelas almas que fizeram uma radical entrega de si mesmas a Deus e abandonaram tudo, a ponto de se alojarem no ponto mais extremo do mundo conhecido até então. Esses varões consagraram sua existência a



A constância dos monges que ali viviam ensina os católicos de hoje a acompanharem a Igreja em seu Calvário, com uma dor que não se limita a ver Deus ofendido, mas se levanta e brada “Quis ut Deus?”

Aspectos do mosteiro de Skellig Michael, Irlanda

atrair graças do Céu sobre uma nova Cristandade. Sua doçura consistia em sentirem-se vinculados à Comunhão dos Santos, compenetrados de que seus atos repercutiam nos acontecimentos da Santa Igreja, em sua época e em todos os tempos.

Pode-se vislumbrar seu intenso comércio com o sobrenatural neste relato de um viajante britânico à Irlanda, no século XII: “Na parte sul de Munster, [...] existe uma ilha com uma igreja dedicada a São Miguel, famosa por sua santidade ortodoxa desde tempos muito antigos. Há uma pedra fora do pórtico dessa igreja, do lado direito, parcialmente fixada na parede, com uma cavidade na sua superfície que, todas as manhãs, pelos méritos do Santo a quem a igreja está dedicada é [por milagre] preenchida com tanto vinho quanto necessário para o serviço das Missas no dia seguinte, de acordo com o número de sacerdotes que as celebrarão”.³

Na vanguarda em todas as iniciativas

Em meio a uma rotina de oração, estudos e labores, os religiosos edifi-

caram com sabedoria as diversas partes do mosteiro. Suas curiosas celas ou *clocháns*, arredondadas por fora e retangulares por dentro, que podiam abrigar uma comunidade de doze pessoas, resistiam maravilhosamente às fortíssimas chuvas atlânticas e serviam tanto para habitar quanto para guardar suprimentos. Os monges também cultivavam hortas atrás de uma muralha construída para abrandar as intempéries; e tão eficaz era este “quebra-vento” que suas plantações produziam o dobro de outras terras da Irlanda. Desenvolveram, ademais, um sofisticado sistema de purificação de água.

Sua principal qualidade, porém, era estarem sempre atuantes na vida da Igreja. Além de os monges batizarem muitos bárbaros, o local funcionou como pujante centro monástico até o século XIII e, depois, como ponto de peregrinação. Durante a época das Leis Penais decretadas contra os católicos na Inglaterra e Irlanda, devido à Revolução Protestante, a abençoada ilha abrigou fiéis que queriam permanecer unidos à doutrina imutável da Santa Igreja.

Elo entre o passado e o futuro

O Skellig Michael foi um foco de união entre o Céu e a terra, e perdurou como elo entre um abençoado passado e um glorioso porvir. Com efeito, a santidade ali vivida contém uma lição para os dias atuais.

As almas mediocres poderiam afirmar ser inútil aos fiéis de hoje cultivar a audácia de um São Patrício ou a constância daqueles monges que impulsionaram uma árdua cristianização do mundo. Seu exemplo, porém, ensina que o autêntico católico é aquele que sabe acompanhar a Santa Igreja em suas dores, em suas pugnas e em suas exigências morais, sejam elas quais forem.

Nestes dias em que, lamentavelmente, Ela é atacada, perseguida e desfigurada, cabe a seus filhos acompanharem-na em seu Calvário, tomando-se de uma dor “feita de pranto, de desolação verdadeira, uma dor de Arcanjo, que não se limita a ver Deus ofendido, mas se levanta e diz “*Quis ut Deus?*”, e inicia a batalha contra o demônio para lançá-lo no mais fundo dos infernos”.⁴ ✧

¹ O'DONOGHUE, Noel Dermot. *The Angels Keep Their Ancient Places*. Edinburgh; New York: T&T Clark, 2001, p.4.

² O'DONAVAN, John. *Annals of the Kingdom of Ireland by the Four Masters*. 2.ed. Dublin: Hodges, Smith, and Co., 1856, v.I, p.155; 157.

³ GERALDO DE GALES. Topography of Ireland. In: WRIGHT, Thomas (Ed.). *The Historical Works of Giraldus*

Cambrensis. London: George Bell & Sons, 1894, p.95.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 13/9/1971.

Sob o fogo inimigo... e a proteção de Maria!

Enviado ao campo de batalha, o jovem seminarista via numerosos companheiros tombarem a seu lado. Qual seria seu destino nessa guerra fratricida?



✉ Daniela Haiden de Lacerda

Por ocasião da Grande Guerra, a Europa pôs em marcha suas forças armadas, entre as quais se destacou, por sua poderosa capacidade, o exército alemão.

As circunstâncias em que se desenvolveu a contenda obrigaram os exércitos rivais a manter seus pelotões entinchados em território francês, durante longos meses. E dada a árdua necessidade de defender-se, recrutaram para lutar nesses *fronts* todos os varões capazes de combater, o que incluía elevado número de estudantes

universitários, de recém-formados e até mesmo de seminaristas.

O Pe. Paulo Forster, missionário redentorista natural de Landshut, na Alemanha, foi um desses recrutados de guerra na nação germânica. Sentindo-se chamado ao sacerdócio, ingressara ele ainda muito jovem no seminário da Ordem e ansiava por terminar seus estudos quando, bruscamente, a Providência mudou os rumos de sua vida...

De encontro à morte

Aos vinte e seis anos ele foi convocado para a guerra junto com dois de

seus companheiros, também seminaristas, e em 30 de dezembro de 1914 a companhia em que ingressara recebeu ordem de marchar para o *front*. Todos sabiam bem que aquela viagem significava avançar de encontro à morte, pois poucas eram as probabilidades de escapar com vida das trincheiras. No tosco trem que os transportava, os três amigos viram-se pela última vez.

Meses depois do ingresso na guerra, os dois colegas de Paulo entregaram suas vidas em meio a duros combates em campo raso. Quanto a ele, porém, um desígnio especial parecia



Reprodução

Ser convocado para o “front” significava ir de encontro à morte, pois nas trincheiras eram poucas as probabilidades de escapar com vida

Soldados alemães numa trincheira em Aisne (França), durante a Primeira Guerra Mundial

envolvê-lo. Na verdade, ele possuía algo de muito precioso, que certamente atraía sobre sua pessoa o olhar da Providência: uma profunda devoção a Nossa Senhora.

Forster confiava-se ao socorro maternal de Maria incessantemente, como o demonstra um piedoso poema que compôs em maio de 1915, quando foi enviado a um posto de especial risco:

Se tenho que dar minha vida,
pela pátria no mês de maio,
ao clarão de um crepúsculo;
a Ti já pertenceo, morrendo,
ó Maria, minha Mãe!
Exclamarei já ferido mortalmente.
Banhado em rubro sangue,
lá se foi um coração de filho teu!
Então me levarás contigo,
pois a Ti pertenceo, como
nenhum outro.
Mesmo longe de teu
quadro,
Tu estarás sempre
perto de teu
guerreiro.¹

Sob a proteção de sua Mãe Celeste, e contra qualquer expectativa, o jovem seminarista atravessou a guerra quase ileso pois, segundo suas palavras, uma “mão invisível”² desviava as balas de sua direção... Delicada, afável, mas poderosa como um exército em ordem de batalha (cf. Ct 6, 10), essa mão realizou verdadeiros prodígios em seu favor, alguns dos quais serão narrados nas linhas que seguem.

O poder do Rosário na hora do perigo

Certo dia, houve um enfrentamento acirrado com os franceses, que terminou com intenso fogo de canhões-revólveres, tão logo estava amanhecendo, dirigido justamente contra a

ala onde se encontrava Paulo. Ao lado dele, muitos foram feridos de morte, na cabeça ou no peito. “Nunca me esquecerei”, relata ele, “do ruído perfurante com que uma bala atravessou a frente de meu vizinho. Eu ocupava a mesma posição elevada com meus companheiros. Não sei como escapei ileso”³.

Na manhã seguinte ao horrível confronto, o batalhão foi convocado para a chamada; a esta, porém, muitos não responderam... “Apenas um abençoado sentimento tomou conta de todos: a convicção de havermos escapado de tremendo risco. Sobretudo eu tinha motivo especial para ser grato a Deus e sua Mãe Santíssima”⁴; reconhece o seminarista soldado.

Outra proteção miraculosa poupava ainda a vida de Forster pouco tempo depois. Destacaram-no como sentinela de observação durante um bombardeio inimigo. Ele deveria passar seis horas a fio quase à mercê dos franceses... Zuniam horrorosamente sobre sua cabeça granadas e estilhaços: “Incessante era o estouro, contínua a explosão ao redor

de mim. [...] Por fim comecei a rezar meu Terço, recomendando-me com insistência à proteção da Mãe de Deus. Explosões na minha vizinhança interrompiam-me com frequência”⁵.

De repente, Paulo teve a ideia de mudar de posição e avançou uns vinte e cinco metros. Parou num local de onde podia ver melhor o dano que seus companheiros causavam ao inimigo. Não tardou muito e três pesadas granadas explodiram dentro das trincheiras alemãs, bem rentes ao lugar que ele havia abandonado minutos antes... A trincheira inteira terminou soterrada! Diante de fato tão impressionante, alguns atribuíram-lhe uma grande sorte; ele, porém, sabia com certeza de onde lhe viera a proteção: “Lembrei-me de meu Terço”⁶.

Alvejado pelos fuzis inimigos

Humilde e confiante no auxílio celeste mais do que em suas forças, armas e destreza, Paulo confessa que, durante sua participação na guerra, inúmeras vezes não contava mais com salvar a vida. E acrescenta: “Sempre, porém, à última hora achava uma porta aberta. Sempre a bala que me visava, errava seu alvo...”⁷

Um impressionante fato ocorreu quando seu destacamento teve de



Muitos soldados atribuíam a Paulo grande sorte, mas ele sabia que tanta proteção vinha de sua confiança no auxílio celeste

Missa na linha de frente, durante a Primeira Guerra Mundial; em destaque, Paulo Forster

Fotos: Reprodução

investir contra uma trincheira inimiga. Segue sua narração: “Eu assaltei pela direita. Imediatamente à minha esquerda o Tenente Dickmann empurrou sua metralhadora e começou a matracar. Mas o fogo na saída do cano despertou a atenção do inimigo, que respondeu com disparos cerrados de suas metralhadoras. As balas batiam, furiosas, no anteparo de aço. Uma bala, contudo, achou a abertura do escudo, ponto de mira, e matou instantaneamente o oficial. A metralhadora calou-se. Então os fuzis inimigos me alvejaram. As salvas eram para mim e para meu companheiro, João Teufelhart, um jovem voluntário de guerra. Num instante o coitado jazia no chão com vinte e quatro balas no corpo. [...] Nada me aconteceu...”⁸

Confiança posta à prova

Embalado nos braços de Maria, Forster atravessou ainda outras ocasiões de perigo, até que, como sói acontecer com todos aqueles que decidem entrar pela porta estreita do Reino dos Céus (cf. Lc 13, 24), sua confiança foi posta à prova.

Durante um assalto a um forte inimigo, uma granada explodiu a vinte metros de distância de onde Paulo se encontrava. Ele sentiu um rude golpe na mão direita e, em seguida, o sangue a lhe escorrer pelo braço... Era um estilhaço de metal de seis centímetros que havia se encravado na palma da mão, cortando-lhe os tendões e nervos dos três primeiros dedos. Estes logo enrijeceram e incharam.

Enviado ao posto de socorro, o médico-chefe julgou melhor dispensá-lo do campo de batalha e enviá-lo de volta à sua pátria, onde seria tratado. Imensa alegria! Porém, grande

provação... Haveria chance de sua mão voltar a ser sadia como antes? Se não, o que era quase uma evidência, como poderia ele ser ordenado sacerdote? Naquele tempo, tal deficiência constituía um impedimento canônico para isso.

De fato, o acidente teve como consequência que os músculos dos dedos polegar, indicador e médio contraíram-se e, não podendo ser suturados, acabaram perdendo a flexibilidade... O zelo por sua vocação, no entanto, e sua fidelidade a Nossa Senhora o impulsionaram a um supremo ato de confiança: apelar a Roma.

Quando a guerra terminou, Paulo apresentou-se ao Núncio Eugênio Pacelli, mais tarde Papa Pio XII, então residente em Munique, em busca de uma dispensa para ser ordenado. De início, o prelado não lhe deu muitas esperanças, mas depois a autorização foi outorgada, e a confiança do seminarista, recompensada!

Por toda a vida, o Pe. Forster guardou profunda e carinhosa gratidão para com sua Mãe Celeste, procurando sempre confessá-la diante de Deus e dos homens.⁹

“Minha Mãe, ajudai-me!”

“De mil soldados não teme a espada quem pugna à sombra da Imaculada!”, canta o imortal hino das Congregações Marianas. Com efeito, o que podem as forças humanas contra aqueles a quem Nossa Senhora protege?



Lúcia Vu

O que podem as forças humanas contra aqueles que pugnam à sombra da Santíssima Virgem?

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - Coleção particular

Atraída sem dúvida pela vocação sacerdotal de Paulo, mas também pela filial confiança que esse jovem Lhe dedicava, a Santíssima Virgem operou em seu favor grandes coisas. Ora, Ela não deixará de fazer o mesmo também por cada um de seus filhos e filhas que souberem recorrer à sua materna intercessão.

Sob o fogo de nossos inimigos, sejam eles terrenos ou infernais, não hesitemos, pois, em exclamar com fé ardente e simplicidade de coração: “Minha Mãe, minha confiança, ajudai-me!” ✧

¹ FORSTER, CSsR, Paulo. *Diário de guerra. Minha participação na Guerra Mundial*. São Paulo: [s.n.], 1965, p.90.

² Idem, p.138.

³ Idem, p.71.

⁴ Idem, p.73.

⁵ Idem, p.74.

⁶ Idem, p.75.

⁷ Idem, p.137.

⁸ Idem, p.138.

⁹ Um de seus gestos de gratidão figura na Sala dos Milagres do Santuário Nacional de Aparecida: tendo vindo como missionário ao Brasil, o Pe. Pau-

lo Forster depositou ali uma condecoração militar que havia recebido, acompanhada de uma enternecida dedicatória à sua Mãe e Protetora, a Virgem Maria.



Penhor do cumprimento das promessas

Com frequência tem-se a tentação de achar que as promessas que tardam em se realizar jamais se cumprirão. Se elas vieram da parte de Deus, porém, as longas esperas são a garantia de sua realização!



✦ **Ir. Juliane Vasconcelos Almeida Campos, EP**

Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, permanece firme na justiça e no temor; e prepara a tua alma para a provação; humilha teu coração, espera com paciência, dá ouvidos e acolhe as palavras de sabedoria; não te perturbes no tempo da infelicidade, sofre as demoras de Deus; dedica-te a Deus, espera com paciência, a fim de que no derradeiro momento tua vida se enriqueça” (Eclo 2, 1-3).

Esperar com paciência... Como é difícil que compreenda o profundo significado destas palavras a nossa geração, filha da velocidade e da técnica, do frenesi de um mundo globalizado em que quase tudo se conhece em tempo real com um simples toque de dedo em uma tela eletrônica!

O Eclesiástico, porém, não nos transmite senão palavras de sabedo-

ria, que nos convidam a uma breve reflexão.

A maior prova dos eleitos: esperar com paciência

Se passarmos pelas páginas das Sagradas Escrituras, veremos como os acontecimentos mais importantes da humanidade se deram depois de uma enorme espera. Deus faz esperar seus eleitos. E a grande prova é aprender que seu tempo não é lento nem rápido, senão perfeito: “Mil anos, diante de Vós, são como o dia de ontem que já passou, como uma só vigília da noite” (Sl 89, 4).

Como as delongas divinas fazem sofrer! Elas trazem, contudo, uma promessa de vitória: “Espera com paciência, a fim de que no derradeiro momento tua vida se enriqueça”. “A vitória”, pois, “é dada a quem sofreu com paciência. Paciência aqui não é a indolência, mas aquela vir-

tude forte pela qual se aguenta a dor da espera. Ai do homem a quem a espera não dói! Ai do homem que não aguenta a dor da espera! Isso é a paciência”,¹ afirma Dr. Plínio Corrêa de Oliveira ao comentar a passagem em questão.

A recordação das esperas mais demoradas, consideradas depois de muito tempo, carrega consigo o contentamento da entrega sem reservas nas mãos de Deus, feita tanto em meio às consolações quanto sob o peso da dor suportada com paciência. E traz à tona o perfume da confiança, que é o rastro deixado pela esperança fortalecida pela fé. “Considerai que é suma alegria, meus irmãos, quando passais por diversas provações, sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Mas é preciso que a paciência efetue a sua obra, a fim de serdes perfeitos e íntegros, sem fraqueza alguma” (Tg 1, 2-4).

Deus caminha junto a seus escolhidos

Ao contemplarmos alguns episódios marcantes da História Sagrada, podemos ver como Deus caminha nessas veredas junto a seus escolhidos, com passos decididos.

Tomemos um dos gigantes do Antigo Testamento: Noé. Era ele “justo e perfeito no meio dos homens de sua geração” (Gn 6, 9). Num tempo em que a maldade grassava no mundo, segundo a narração do Gênesis, o Senhor só não exterminou da face da terra todas as criaturas que respiram porque Noé encontrou graça a seus olhos. E Deus lhe prometeu que as salvaria, refugiando-as numa arca que mandara construir, enquanto arrasaria a impiedade por meio do dilúvio.

Tremenda prova passou “esse pregador da justiça” (II Pd 2, 5)! Uma centena de anos transcorreu para a construção da arca, feita segundo as medidas e os planos traçados pelo Criador, sem que nada sucedesse. Sujeitou-se Noé ao escárnio de seus compatriotas, sem esmorecer na fé na palavra do Senhor. Sua longa e paciente espera foi coroada de júbilo quando, afinal, depois que baixaram as águas diluvianas e ele pôde de

novo estabelecer-se em terra firme, tornou-se receptáculo da aliança divina, simbolizada pelo belo arco-íris: “Este é o sinal da aliança que faço entre Mim e todas as criaturas que estão na terra” (Gn 9, 17). Estava cumprida a promessa!

Paradigma do Antigo Testamento

Talvez o maior paradigma de espera confiante no Antigo Testamento seja Abraão. Correram-se anos e anos, sem que ele tivesse sequer descendência, desde que Deus lhe prometera: “Farei de ti uma grande nação” (Gn 12, 2). Sendo conduzido de um lugar para outro, passou por inúmeras provas; todavia, nenhuma delas se comparava com a de continu-

Os grandes acontecimentos da História, como o dilúvio, deram-se depois de enormes esperas; assim Deus age com seus eleitos!

ar esperando com fé a realização de uma promessa sem qualquer indício de se cumprir. Por fim, Deus lhe concede um filho: Isaac.

Chega, então, a prova das provas: o Senhor pede a Abraão o sacrifício daquele filho da promessa! Deus parecia exigir de seu eleito a renúncia do que lhe fora prometido. Na aparência, Ele violava a própria palavra empenhada... O Santo Patriarca não duvida. A paciência forjada pela fé durante os largos anos de espera o leva a confiar no Altíssimo e entregar-lhe com generosidade o filho amado. Um Anjo detém sua mão, portadora do cutelo, e Deus Se compraz com sua fidelidade, renovando com ele a aliança: “Juro por Mim mesmo, diz o Senhor: pois que fizeste isto, e não me recusaste teu filho, teu filho único, Eu te abençoarei. Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu, e como a areia na praia do mar” (Gn 22, 16-17). “E Abraão, esperando com paciência, alcançou a realização da promessa” (Hb 6, 15).

Sua perseverança na espera foi coroada de glória, como afirma São Leão Magno, na festa da Epifania do Senhor, ao comentar a visita dos Magos enquanto representantes de todas as raças do orbe: “Estes povos



À esquerda, construção da arca de Noé - Museu do Escorial (Espanha); à direita, Noé após o dilúvio - Igreja de São Domingo de Silos, Córdoba (Espanha). Na página anterior, Deus Pai, por Giovanni Battista Cima da Conegliano - Instituto de Arte Courtauld, Londres

eram uma descendência inumerável que havia sido prometida em outros tempos ao santo patriarca Abraão, descendência que engendraria não uma semente carnal, senão a fecundidade da fé, descendência comparada à multidão de estrelas, para que o pai de todas as nações não esperasse uma posteridade terrena, mas celeste. [...] Abraão viu este dia e se regozijou (cf. Jo 8, 56) quando conheceu que seus filhos segundo a fé seriam abençoados em sua descendência, isto é, Cristo (cf. Gal 3, 16), e se viu como futuro pai de todos os povos na fé (cf. Rm 4, 18).²

A promessa das promessas

Poderíamos seguir discorrendo sobre outros personagens do Antigo Testamento como Moisés, por exemplo, depositário da promessa da Terra Prometida e que passou quarenta anos no deserto devido à falta de paciência do povo em esperar com fé o cumprimento da palavra de Deus. No entanto, por amor à brevidade, reflitamos sobre a promessa das promessas, feita por Deus ainda no Paraíso a nossos primeiros pais, antes de enviá-los a esta terra de exílio: a Redenção, preconizada no Protoevangelho (cf. Gn 3, 15), cuja realiza-

ção marcou o início do Novo Testamento.

“Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas” (Hb 1, 1), e não poucos foram os sinais e oráculos enviados sobre a vinda do Salvador. Entre eles se destacam os de Isaías, o mais messiânico dos anunciadores divinos: “Naquele tempo, o rebento de Jessé, posto como estandarte para os povos, será procurado pelas nações” (Is 11, 10). Entretanto, “todas as previsões foram postas à prova pelo Céu, a fim de constatar se o povo da aliança seria digno de ver seu cumprimento”.³ Uma espera de séculos e séculos exigiria Deus de seus eleitos...

*Diante da prova
mais pungente,
Abraão acreditou
na promessa divina,
e sua perseverança
na espera foi
coroadada de glória*

Eis que “uma Virgem conceberá e dará à luz um Filho, e o chamará Deus Conosco” (Is 7, 14). Conhecedora dessas promessas, Maria Santíssima esperava, cheia de fé, o Redentor e compunha no Coração sua figura divina, desejando ser escrava daquela que seria sua Mãe. Não imaginava, porém, que seria Ela mesma a Virgem de Isaías. “E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14).

Mais tarde, depois da Paixão de Nosso Senhor, momento ápice da Redenção, sua fé sem jaça na Ressurreição trouxe de volta os Apóstolos e os discípulos ao Cenáculo, levando-os a crer por cima da aparente contradição e desmentido dos fatos. Sua esperança não foi defraudada: “A grande batalha da Virgem consistia em manter acesa a chama da Ressurreição nessas pobres almas. Sem sua intercessão, nenhuma delas continuaria a crer, apesar das reiteradas promessas do Divino Mestre”.⁴ Reunidos com Ela no Cenáculo (cf. At 1, 14), os Apóstolos receberam o Espírito Santo prometido, encetando a difusão da Boa-Nova, para desempenhar o mandato do Salvador: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15). Iniciava-se a epopeia da Santa Igreja Católica.



À esquerda, aparição de Deus a Abraão em Siquém - Museu Catharijneconvent, Utrecht (Países Baixos);
à direita, sacrifício de Isaac - Museu de São Telmo, San Sebastián (Espanha)

Esperança para o século XXI

Hoje, passados vinte e um séculos de vida da Igreja, vivendo num cenário de pandemia, guerra e incerteza, ainda temos promessas em que esperar? Rezamos há dois mil anos: “Venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu” (Mt 6, 10). Podemos esperar a realização desta oração, ensinada pelo Divino Mestre, em nossa conturbada quadra histórica?

Mais do que nunca é o momento de crer e esperar! No começo do século passado, Deus enviou sua própria Mãe a Fátima, Portugal, para alertar a humanidade a respeito dos problemas contemporâneos. “Nossa Senhora a um tempo explica os motivos da crise, e indica o seu remédio, profetizando a catástrofe caso os homens não A ouçam. De todo ponto de vista, pela natureza do conteúdo como pela dignidade de quem as fez, as revelações de Fátima sobrepujam, pois, tudo quanto a Providência tem dito aos homens na iminência das grandes borrascas da História”.⁵

Sobretudo veio a Virgem trazer a promessa da realização do Reino de Cristo tão esperado: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”. Maria Santíssima não é capaz de iludir! Ela será “estabelecida Senhora e Soberana nos corações, para submetê-los plenamente ao império de seu grande e único Jesus [...]”. *Ut adveniat regnum tuum, adveniat regnum Mariae*;⁶ ensina São Luís Maria Grignon de Montfort.

Sem embargo, se o desfecho final das promessas de Fátima tarda em chegar, não nos esqueçamos de que,

como afirma Dr. Plínio, as grandes esperas anunciam quanto Deus será generoso no momento de atender. “O Senhor não retarda o cumprimento de sua promessa, como alguns pensam, mas usa da paciência para convosco. Não quer que alguém pereça; ao contrário, quer que todos se arrependam” (II Pd 3, 9).

É, com frequência, para a nossa conversão e o incremento de nosso amor que Ele nos faz esperar. “Há uma confiança heroica pela qual não se desiste de esperar, apesar de tudo. Essa confiança dói. E a alma, às vezes, fica num estado que sangra. Está bem, mas ela continua a confiar e diz: ‘A promessa interior, inefável, que Nossa Senhora me fez na alma, essa promessa não falhará, eu confiarei!’”⁷

Bem-aventurados, pois, os que creem e esperarem, porque será cumprido o que lhes foi prometido (cf. Lc 1, 45). A espera confiante e paciente sempre será o penhor do cumprimento das promessas! ✧

Mais do que nunca é o momento de crer e esperar! Pois a Virgem nos fez uma promessa: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”

Imagem do Imaculado Coração de Maria pertencente aos Arautos do Evangelho



Nuno Moura

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Ai do homem a quem a espera não dói; ai do homem que não aguenta a dor da espera! In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XV. N.172 (jul., 2012); p.32.

² SÃO LEÃO MAGNO. Sobre a Epifania de Nuestro Señor

Jesucristo. Homília III, n.2; 5. In: *Homilias sobre el Año Litúrgico*. Madrid: BAC, 1969, p.130; 132-133.

³ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arau-

tos do Evangelho, 2020, v.II, p.218.

⁴ Idem, p.510.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Fátima: explicação e remédio da crise contemporânea. In: *Catolicismo*. Campos dos Goytacazes. Ano III. N.29 (maio, 1953); p.2.

⁶ SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge, n.217. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.634-635.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 7/10/1975.



Uma graça para marcar a vida

Em uma circunstância extrema, Nossa Senhora quis confirmar a Dr. Plínio sua maternalidade e predileção, de maneira a prepará-lo para todos os revezes e lutas que ainda haveria de travar no resto de sua vida.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

No dia 2 de dezembro de 1967, Dr. Plínio cancelou a costumeira confraternização semanal que fazia para seus discípulos, saindo de casa somente à tarde, para comungar no Santuário do Sagrado Coração de Jesus. Ao descer do automóvel, causou surpresa ao ser visto caminhar com o auxílio de bengala e calçando no pé direito um leve chinelo. Tinha a fisionomia muito abatida. Entretanto, com sua invariável finura, em nada deixava transparecer, aos que o cumprimentavam, seu mal-estar físico.

No dia seguinte, um domingo, não encontrou forças para sair de casa a fim de cumprir o preceito, sendo-lhe levada a Sagrada Comunhão. Uma pessoa que teve a oportunidade de estar com ele de manhã e à tarde, contou ter-se impressionado, ao cumprimentá-lo, com a elevada temperatura de sua mão. Nos dias subsequentes, a febre ultrapassaria a casa dos trinta e nove graus. Apesar disto,

Dr. Plínio mantinha inalterável amenidade, nobreza e distinção de trato, tal qual aprendera de sua extremosa mãe, Dona Lucília.

Narrações feitas por ele próprio, tempos depois, revelam a grande provação que nessa ocasião enfrentava:

“Quando me apareceu esta espécie de abscesso [no pé direito], imediatamente me lembrei do pensamento que tivera assistindo ao documentário.¹ Parecia-me que algo de absurdo se realizava. Vi-me obrigado a passar alguns dias em casa, envidando, porém, todos os esforços para que minha mãe nada percebesse. Minha penosa deambulação era feita com o auxílio de alguns apoios”.

De fato, na manhã do dia seguinte, segunda-feira, Dr. Plínio recorreu aos médicos e viu-se introduzido num túnel, à primeira vista, sem saída. Os resultados dos exames de laboratório revelaram uma forte crise de diabetes. Foi-lhe determinado

repouso absoluto, regime alimentar restrito, remédios e controle glicêmico para rapidamente serem debelados os distúrbios orgânicos produzidos pela enfermidade. Entretanto, restava um problema não menos trágico: uma gangrena em seu pé direito.

Os primeiros curativos foram feitos pelos médicos na própria residência de Dr. Plínio. Depois chamaram um especialista, que concluiu ser necessária uma urgente cirurgia para extinguir a grave infecção.

Naquela mesma noite, com os devidos cuidados, Dr. Plínio foi trasladado ao Hospital Sírio-Libanês, onde foi operado. Ali permaneceria ele para alguns dias de convalescença.

A maior provação da vida

No entanto, a situação não deixava de ser preocupante para Dr. Plínio. Ele tinha plena consciência de quão grave havia sido o abalo de sua saúde.

de e, inclusive, via a morte de perto, como narrou pouco tempo depois: “Eu me perguntei a mim mesmo se não seria, afinal, o momento em que Nossa Senhora, cansada de mim, haveria de libertar a minha alma. Essa era minha grande apreensão e minha grande angústia. Mas Ela me ampararia até nessa extremidade, e eu morreria com os olhos postos na misericórdia d’Ela”.

Sim, no leito da enfermidade confiava nessa misericórdia e não temia por sua salvação eterna; contudo, o que seria da instituição que fundara, cujo crescimento apenas se iniciava? Sempre tivera o pressentimento e a esperança de ver seu apostolado expandir-se e chegar à vitória, mas agora era assaltado pela dúvida lancinante: estariam encerradas para ele, as possibilidades de cumprir até o fim sua missão? E, após sua morte, essa obra se esboroaria? Assim exprimiria sua perplexidade, quando deixasse consignados para a História os episódios ocorridos nesses dias: “Estava eu certo de que meu falecimento naquela conjuntura acarretaria a ruína do esforço que começava a vicejar com vigor e que eu desejava ardentemente levar a cabo para a maior glória de Nossa Senhora, antes de morrer”.

Entretanto, o pior de seu sofrimento consistia na constante interrogação: Não seria ele o responsável por esses acontecimentos, devido a alguma incorrespondência à graça? Então a obra não chegaria a executar toda a sua tarefa por sua causa? E essa grave doença não constituiria um castigo de Nossa Senhora? E perguntava-se:

“Não serei eu o miserável, o indivíduo péssimo, por cuja infidelidade as coisas não estão acontecendo como devem? Isto é o que mais me atormentava. Pois se eu soubesse que a missão acabaria se realizando, diria a Nossa Senhora: ‘Minha Mãe, eu me entrego nos braços de vos-

sa misericórdia insondável. Expiarei confiando no vosso perdão’. Mas pensar que o plano não se realizaria por minha culpa! Isso rachava o mais profundo de minha alma”.

Uma estampa vinda de Genazzano

O dia 16 desse mês de dezembro de 1967, primeiro da novena do Natal, foi um sábado. O calor, apesar das nuvens que cobriam o sol, ainda se fazia sentir ao entardecer, tornando mais penosa a imobilidade de Dr. Plínio no leito. Já não tinha febre, é verdade, mas o seu organismo se encontrava muito abalado. O encanecimento dos cabelos havia se acentuado um tanto naquele período, seu peso diminuía e sua fisionomia estava abatida pelo trauma da doença e das preocupações. Mantinha-se, porém, sempre afável e paternal com todos.

Cerca das seis horas recebeu ele a visita de alguns discípulos provenientes de Minas Gerais, os quais vinham acompanhados por dois integrantes mais veteranos de sua obra. O Autor destas linhas, encarregado do expediente, já estava no quarto.

Dr. Plínio manifestou muito contentamento ao vê-los e, logo ao iniciar a conversa, um deles explicou que, aproveitando a passagem de um amigo por Roma, haviam pedido o favor de adquirir certo quadro, para trazer-lhe de presente.

Tratava-se de uma estampa de Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano, *Mater Boni Consilii*, cópia do miraculoso afresco que lá se encontra desde o século XV, emoldurada. Enquanto desfaziam a embalagem, Dr. Plínio comentou:

— Acabo de ler um livro sobre a imagem de Genazzano.



Antônio Carlos Carrero

Com a saúde abalada, Dr. Plínio se perguntava: “Não será que Nossa Senhora, cansada de mim, libertará a minha alma?”

Dr. Plínio em novembro de 1967; na página anterior, capa e interior do livro “La Vierge Mère du Bon Conseil”, pertencente a ele

Leitura providencial, motivo de consolação

De fato, oito meses antes ele havia lido uma obra em francês referente à história de Nossa Senhora do Bom Conselho, de autoria de um sacerdote missionário na Austrália, Mons. Dillon,² o qual passara um longo período em Genazzano, sendo testemunha de alguns dos milagres que lá se deram. Este sacerdote descrevia, sobretudo, o fenômeno sobrenatural da mudança de cores e de expressão operada no afresco, e mencionava a abundância de inspirações interiores recebidas pelas pessoas diante dele, confirmadas por manifestações exteriores de sua fisionomia. E tais comunicações se davam, inclusive, através das reproduções da imagem de Genazzano.

Apesar das provações pelas quais passava, Dr. Plínio experimentou grande alegria espiritual durante a leitura, feita ao longo de muitas noites, antes de se recolher.

Progredindo na leitura, compreendeu o quanto a devoção a *Mater Boni Consilii* era própria a incentivar a virtude da confiança, tão necessária para ele naquela fase. E, depois de sublinhar várias partes do livro, havia dedicado uma palestra à história de Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano. Além disso, tinha feito numerosos comentários a respeito por ocasião de um simpósio realizado com os membros do grupo de Minas Gerais, e foram tais referências o que levou alguns deles a encomendar a reprodução do afresco.

A graça de Genazzano: sorriso e promessa

Dr. Plínio se encontrava quase sentado na cama, recostado em vários travesseiros, quando o quadro de *Mater Boni Consilii* lhe foi entregue. Este, então, foi apoiado sobre suas pernas e ele o tomou com as duas mãos.

Absorto, encantado, verdadeiramente emocionado, durante vinte minutos Dr. Plínio contemplou a estampa, sem dela desviar o olhar e mantendo um silêncio apenas interrompido por exclamações:

— Que imagem magnífica! Impressionante, extraordinária! Mas que maravilha! Como Ela é comunicativa! Olhem, parece que Ela quer falar. Ela mudou de cores. Agora tem outra expressão! Como é bondosa, maternal! Ela sorri, disposta a ajudar! Não há palavras, não se sabe o que dizer!

Sim, embora ele não tenha descrito tudo quanto via na imagem, todos os presentes concordavam em afirmar que a estampa da Santíssima Virgem tivera uma intensa manifestação diante dele, mudando de expressão e de cores, como se, de fato, lhe sorrisse. Assim, sem a menor dúvida, a experiência interior que Dr. Plínio chamará do *ravante de graça de Genazzano* foi

uma autêntica e profunda graça mística, cujo sentido era explícito. E via-se a fisionomia dele transformada, refletindo uma consolação extraordinária, quase um êxtase!

Mais tarde o Autor teve a oportunidade de perguntar-lhe a respeito, e ele revelou o que então se passara. E, posteriormente, inúmeras vezes ele se referiria a esse acontecimento em conversas e, inclusive, durante pa-



Diante de uma reprodução do afresco da Mãe do Bom Conselho, Dr. Plínio recebeu uma das maiores consolações de sua vida

Afresco de Nossa Senhora do Bom Conselho, Genazzano (Itália)

lestras públicas. “No momento que olhei para a estampa, tive toda a impressão de que a imagem se animava, sorria e me fazia entender, pelo jogo fisionômico, que eu devia ter toda a confiança”, relataria ele vinte anos depois.

“Não tenho dúvida nenhuma de que foi uma graça, uma promessa”, repetirá ele sempre, sem hesitar, e em outras ocasiões se referirá ao “sorriso-promessa de Nossa Senhora”. Mas qual foi essa promessa a ele transmitida?

Sem propriamente ouvir uma voz, Dr. Plínio sentiu no fundo de sua alma o afago de Maria Santíssima, com claríssimo significado: “Meu filho, não se perturbe. Confie, porque sua obra será concluída e você cumprirá por inteiro sua missão”. E essa garantia era o que ele mais desejava, pois resolvia o terrível problema que o afligia.

Além disso, aquela consolação interior trazia também uma nota especial de ânimo e de incentivo à luta, como ele descreveria em outra ocasião: “O que foi a graça de Genazzano? Uma manifestação específica de carinho, mas com a atitude da Rainha que diz ao seu soldado: ‘Não se apavore nem recue, porque Eu tomo a responsabilidade’. O todo d’Ela era discretamente majestoso, sério e materno, como quem afirma: ‘Você passará por provas que vão horripilá-lo e apavorá-lo, mas lembre-se do que estou dizendo agora: Eu vencerei tudo!’” E a mensagem era tão patente e definida, que não deixava margem à menor dúvida, como é característico na comunicação profética.

“Eu tive a certeza de quem ouve claramente uma palavra dita”, reconhecia ele com toda a simplicidade. De tal forma essa graça de certeza passou a agir em sua alma, dando-lhe facilidade para carregar o fardo das provações, que comentou com o Autor a pergunta que às vezes fazia a si: sendo auxiliado por tanta certeza, teria ele algum mérito em crer naquilo que lhe fora prometido?

Em uma palavra, a graça do dia 16 de dezembro de 1967 consistiu exatamente na confirmação e na certeza do total cumprimento da missão de Dr. Plínio e da continuação de sua obra, ou seja, a derrota da Revolução e a implantação do Reino de Maria.

Quem então o visse teria a impressão de contemplar um cruzado

que houvesse caminhado centenas de quilômetros e travado inúmeras batalhas, mas conseguisse, afinal, penetrar em Jerusalém e chegar até o Santo Sepulcro onde Nosso Senhor Jesus Cristo fora depositado. Ele apresentaria todos os sinais do cansaço e da luta, porém sentiria uma enorme consolação. Assim se encontrava Dr. Plínio: todo o seu sofrimento parecia compensado pela graça recebida, e ele penetrava numa nova fase de sua vida espiritual.

No dia seguinte, 17 de dezembro, o cirurgião considerou o estado de Dr. Plínio sensivelmente melhorado e, contra toda a expectativa, deu-lhe alta.

A virtude da confiança ao longo de toda a vida

Em conversa com o Autor naqueles dias, Dr. Plínio comentou o quanto havia analisado a fisionomia dos médicos a fim de entender a sua própria doença, e como percebera que os dados obtidos por essa observação, enriquecidos pelo carisma do discernimento dos espíritos, não se harmonizavam com as informações por eles fornecidas. Ou seja, ele compôs bem o quadro e compreendeu que a sua recuperação se devia muito mais à intervenção de Nossa Senhora do que aos cuidados médicos.

Com efeito, a graça de Genazzano havia sido de fundamental importân-



“Os ouvidos de minha alma entenderam a promessa da Mãe do Salvador. Portanto, para a frente!”

Dr. Plínio no ano de 1969

cia para o seu restabelecimento. E, a partir do ano de 1967, ele mesmo dirá que sem esse auxílio sobrenatural teria morrido muitas vezes.

“Eu não tenho vivido senão da graça de Genazzano”, afirmará ele mais de quinze anos após o acontecimento, acrescentando depois: “Sem a graça de Genazzano, há muito tempo meu coração não funcionaria mais e eu estaria morto”. E ainda: “Com tantas preocupações, se não fosse a

promessa de Genazzano eu teria morrido, pois não aguentaria as incertezas e as dúvidas. Mas, com aquela promessa, tenho uma garantia. É o caso de continuar em paz, procurando alongar a minha vida, não porque os meus olhos viram o meu Salvador, mas porque os ouvidos de minha alma entenderam a promessa da Mãe d’Ele. Portanto, para a frente! E assim é possível conservar a tranquilidade e a estabilidade na confiança”.

“Quando adoeci, mesmo antes de receber a graça de Genazzano percebi que meu único dever era ter uma confiança tão plácida e inteira, que nem me perguntasse muito qual era a minha doença. Eu me mantinha informado, mas absolutamente nunca angustiado. E a graça de Genazzano confirmou essa conduta: depois que eu soube da natureza de minha enfermidade, compreendi que, se tivesse soçobrado na voragem da desconfiança, a evolução do mal teria sido irremediável”.

Desse modo, sua vida foi toda feita de esperança, do começo ao fim. E, sempre enfrentando as aparências em sentido contrário, ele creu na palavra interior dita por Nossa Senhora e esperou o cumprimento da promessa. Essa virtude, infundida em sua alma no momento do Batismo, acompanhou-o especialmente ao longo da doença de 1967 e não o deixaria sequer na hora da morte.³ ✧

¹ Em 5 de novembro de 1967, Dr. Plínio compareceu, em lugar de muito destaque, a uma Missa solene celebrada na Catedral de São Paulo. Diversos aspectos da cerimônia e do público foram filmados no interior do templo e nas suas escadarias. Poucos dias depois,

Dr. Plínio foi convidado a assistir ao documentário. Ao ver-se na tela, espantou-se por verificar o quanto seu vigor físico estava minado, provavelmente devido a alguma grave enfermidade.

² Trata-se do livro *La Vierge Mère du Bon Conseil*, de Mons. Georges F. Dillon, editado por Desclée de Brouwer em 1885.

³ Texto extraído, com adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV;

Lumen Sapientiae, 2013, p.618-619; *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2008, v.IV, p.281-295.

SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD

Precursor do Reino Eucarístico

Chamando-o a fundar a primeira Ordem dedicada especificamente a louvar o Sacramento do Amor, a Providência queria dele, sobretudo, uma fé que nunca se deixaria vencer, apesar das contradições e desmentidos.



✠ Pe. Ignacio Montojo Magro, EP

Reprodução

De cabelos completamente embranquecidos, um magro sacerdote com quase sessenta anos, convicto de que não os verá chegar devido aos rigores de uma vida dedicada ao apostolado durante a qual não concedeu nada a si mesmo, conversa com uma devotada filha espiritual a respeito dessa existência terrena já cerca do fim. A perplexidade de ver repetidamente frustrados os seus mais nobres anseios e as decepções com que alguns dos seus mais próximos teimam em mortificá-lo, levam-no a declarar: “Minha consolação é que, ao fim de tudo isto, será o Reino do Santíssimo Sacramento. Oh! Graças, sim, graças – direi então”.¹

* * *

Numa humilde residência do vilarejo de La Mure d’Isère, aos pés dos Alpes franceses, a zelosa Mariana procura com empenho seu irmão de cinco anos, desaparecido aquela manhã das vistas maternas. Depois de percorrer todos os cômodos da casa e conhecedora das boas propensões do pequeno, ocorre-lhe examinar a igreja vizinha. Mas eis que ali tam-

bém não o encontra. Finalmente, sua intuição a conduz até a parte de trás do altar-mor, onde depara-se com o menino ajoelhado na plataforma que facilita ao sacerdote a exposição do Santíssimo Sacramento e com a cabeça apoiada no sacrário. Indagado, ele responde candidamente estar conversando com Jesus e explica: “Porque daqui O escuto melhor”.²

* * *

Entre esta cena e a anterior haviam transcorrido cinco décadas. Ambas, porém, resumem o percurso traçado por uma alma que no episódio da inocente criança já apontava o norte da sua existência para Deus, e na fé manifestada humildemente às portas do encontro com Ele certificava o cumprimento de sua vocação em meio ao desmentido de uma missão frustrada. De quem se trata?

Precoce chamado sacerdotal

Aquele pequeno que, além de assistir cotidianamente à Santa Missa, visitava duas vezes por dia o Santíssimo Sacramento chamava-se Pedro Julião Eymard. Com tais predisposições, logo ele viu nascer em seu inte-

rior a vocação sacerdotal, prometendo a Nosso Senhor, no dia de sua Primeira Comunhão, seguir esse caminho.

Acalentava tal vocação aos pés de Nossa Senhora, que lhe falava profundamente à alma desde que, pouco antes, começara a peregrinar todos os anos ao distante santuário da Boa Mãe de Laus. Entretanto, a realização daquele chamado ainda lhe custaria duras provas, pois circunstâncias familiares exigiam sua presença no lar paterno.

Pedro Julião foi vencendo com determinação as contrariedades, sobretudo as lutas contra si mesmo. Anos mais tarde chegaria a confidenciar que estas, especialmente no árduo campo da castidade, ajudaram a forjar seu caráter combativo, o qual muito beneficiou os jovens que com ele conviveram. Por fim, aos vinte e três anos, aquele que havia sido um seminarista modelar, recebeu a ordenação sacerdotal em Grenoble.

Ministério fecundo de uma alma sempre chamada a mais

Quem analisa a vida do jovem sacerdote fica surpreso ante seu exímio

desempenho em todas as obrigações para as quais seus superiores o destinam.

Entretanto, desde seus primeiros passos rumo ao presbiterato, o Pe. Eymard aspirava veementemente à vida religiosa, anseio que não pudera cumprir devido à frágil saúde e à oposição da própria irmã. Tendo tomado contato com a nascente Sociedade de Maria, dos padres maristas, julgou encontrar nela a realização de seu sonho. Mais uma vez, como seria habitual em sua vida, precisou vencer numerosos entraves, mas obteve a licença do seu ordinário e ingressou no noviciado da Ordem em Lyon.

A admirável conduta do Pe. Pedro Julião fez crescer sua fama entre os maristas. Contando apenas trinta e três anos, foi nomeado padre provincial da Ordem – cargo logo abaixo ao de Superior Geral –, sobre o qual acumulou o de visitador geral.

O chamado eucarístico

A projeção do Pe. Eymard parecia não encontrar limites na congregação. A Providência, porém, chamava-o *ad maiora*... De fato, embora o olhar humano pudesse lhe pressagiar uma fulgurante carreira eclesial, certa inquietude rondava sua alma. Tocado por uma singular graça de devoção eucarística, ele recebeu três profundas moções divinas que o impeliavam a afervorar o entranhado relacionamento com Jesus Hóstia que o caracterizava desde a infância.

No ano de 1845, enquanto conduzia o ostensório com o Santíssimo Sacramento na procissão de *Corpus Christi*, sentiu um poderoso apelo a depositar aos pés do Senhor na Eucaristia todas as necessidades da Igreja e do mundo de então. Arrebatado de enlevo, prometeu-Lhe consagrar-se por inteiro ao ministério de, parafraseando São Paulo, não pregar senão a Jesus Cristo, e Jesus Cristo Eucarístico. O apostolado desenvolvido pelo Santo em Lyon, decorrente desta pri-

meira resolução, valeu-lhe o epíteto de *Padre do Santíssimo Sacramento*.

Mas foi em 1851 que íntimas graças místicas configuraram na sua alma o caráter concreto que deveria ter seu ministério, recebidas desta vez aos pés de Nossa Senhora no seu santuário de Fourvière. Anos depois ele mesmo escreveu os pensamentos que então o absorveram: “Não é com efeito para admirar que, desde a instituição da Igreja, a Santa Eucaristia não tenha tido um corpo religioso, sua guarda, sua corte, sua família, ao passo que todos os outros mistérios de Nosso Senhor o têm tido para honrá-los e pregá-los”.³ Sem dúvida, a Divina Providência forjava no Pe. Eymard uma certeza que nunca mais se afastaria de seu espírito: “Era necessário que houvesse um”.⁴

Dada a situação do mundo, tornava-se imperioso fundar uma congregação cujos membros se santificassem em função do Santíssimo Sacramento, fossem seus adoradores permanentes e levassem as almas para junto do altar, reformando a sociedade a partir da Adoração Eucarística.

Vocação clara, traços incertos

Sempre dócil à Providência, ele não quis tomar nenhuma atitude concreta até que lhe fosse claramente indicado. Por ainda três anos, dedicou-se com afinco às funções que lhe cabiam nos maristas, dotando seu apostolado de um profundo caráter eucarístico e desenvolvendo diversas iniciativas nesse sentido, como os dias eucarísticos, a Adoração Noturna e as Quarenta Horas.

Só em 1853, durante um filial diálogo interior enquanto fazia a ação de graças na Santa Missa, Nosso Senhor lhe inspirou que deveria, conforme narrou posteriormente, “formar uma Adoração Perpétua e para todos”, pedindo “um sacrifício absoluto, que tudo fosse imolado”, inclusive sua pertencença à Congregação Marista. Ele aceitou *ipso facto* o con-

vite e foi “inundado de consolação e também de força”,⁵ que nunca mais o abandonaram, a fim de suportar tudo quanto essa entrega comportava.

O Senhor lhe conclamava da Hóstia Santa que repousava em seu interior: “Reuni os meus fiéis, que selaram comigo aliança pelo sacrifício!” (Sl 49, 5). Contudo, seu coração insaciavelmente feroso não se contentava com a fundação de uma obra voltada a prover dos maiores esplendores, como nunca antes, o culto ao Santíssimo Sacramento. Este era apenas o ponto de partida. Sua aspiração consistia em conduzir a Ele todos os povos e, desta forma, reformar uma sociedade que caminhava a grandes passos para a completa ruína: “Queria fazer ainda grandes coisas por Deus, antes de morrer. [...] Peço a Deus que, se não há nisto orgulho, me conceda uma missão que me leve a fazer o bem por toda a terra”.⁶

Essa forte moção da graça era bastante ousada para a época e as circunstâncias em que ele vivia. Em seu amplo descortínio de horizontes, o Santo tinha bem claro o que isso significava, mas não recuou nem hesitou em ir além: “Prometi a Deus que nada me deteria [...]. Sobretudo, pedi [...] a graça de trabalhar para esta obra sem consolações humanas”.⁷

Uma fundação coalhada de obstáculos e fracassos

Os passos iniciais rumo à almejada fundação, os daria o Pe. Eymard com um militar da marinha retirado, o Conde Raimundo de Cuers, recém-convertido que mais tarde se tornaria sacerdote e seria seu primeiro discípulo. Para levá-la adiante, porém, devia obter a dispensa dos votos religiosos na Sociedade de Maria, onde encontrou uma fortíssima oposição que lhe custou grandes sofrimentos. Muitos daqueles que ainda considerava seus irmãos de hábito o tinham por traidor da vocação pois, conforme diziam, ele abandonava a congregação

para envolver-se num projeto meramente humano, movido por desejo de realização pessoal.

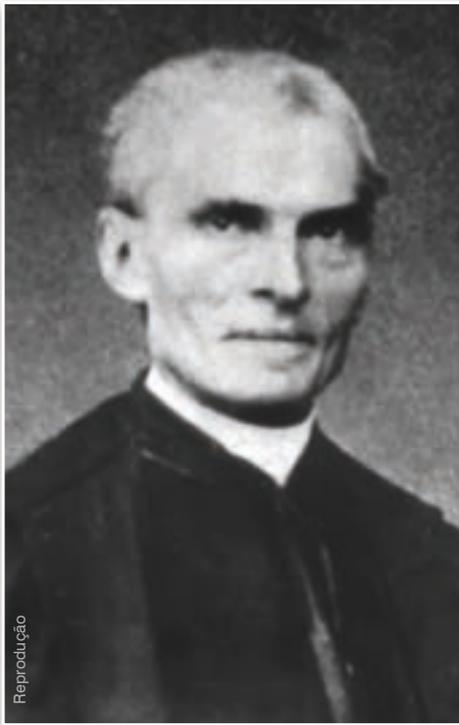
Obtida finalmente a licença, os dois companheiros puseram-se a campo para a realização da obra a que aspiravam, com a bênção do Papa Pio IX, que estimulava esses trabalhos, e do Arcebispo de Paris. Entretanto, a penúria de meios era tal que muitas vezes lhes fez temer pela continuidade da fundação, pois até despejados foram da primeira casa em que se reuniram. Durante anos a fio, não conseguiram dispor de uma moradia adequada, tampouco de um local onde constituir o trono digníssimo que desejavam para Nosso Senhor Sacramentado.

Isso não seria nada se as vocações acorressem ao novo projeto... Todavia, sua escassez era aflitiva, pois os primeiros candidatos capitularam ante as privações a que as circunstâncias os submetiam, impedindo assim o início da Adoração ao Santíssimo Sacramento com regularidade.

Pior ainda, não demoraram a aparecer acervas críticas sobre a nascente obra, entre elas de numerosos eclesiásticos. Muitas delas, ó dor, provinham dos seus antigos correligionários maristas, que o acusavam de semear o joio na sara do Senhor com a fundação.

Por fim, talvez a prova mais dolorosa: alguns julgavam que todas essas contrariedades atravessadas pela obra, que não faziam senão aumentar com o passar dos anos, indicavam não contar ela com as bênçãos do Céu. Isto acentuou nos primeiros seguidores do Pe. Eymard uma forte desconfiança em relação a seu papel de fundador, criando ao seu redor um lastimoso vácuo. Tal indisposição se verificou especialmente naquele que considerava um verdadeiro irmão: o Pe. de Cuers, que o acompanhara desde os primórdios e manifestava cada vez mais ciúmes em relação à sua pes-

soa, querendo apropriar-se em algo da graça fundacional que não lhe cabia. Finalmente, sob a ridícula pretensão de uma entrega mais radical a Nosso Senhor Sacramentado que a do Santo, chegou a separar-se dele para fundar sua própria Ordem eucarística. A incompreensão e a comparação daquele que deveria ser seu maior apoio, e que ainda arrastava outros atrás de si, foi um dos maiores padecimentos que teve de arrostar São Pedro Julião. Com



Reprodução

A certeza de um chamado deparou-se com obstáculos inimagináveis

São Pedro Julião Eymard

heroica resignação, entretanto, ele jamais negou seu apoio e amizade ao velho companheiro.

Em meio a tantos empecilhos, ia avançando a obra. Podemos compreender, porém, o quanto estas conquistas estavam longe do horizonte grandioso que arrebatara o fundador anos antes. A Providência lhe negava, segundo seu pedido, toda e qualquer consolação humana. Estaria Ela, entretanto, condenando ao fracasso aquele que

fora um padre singularmente bem-sucedido? Segundo critérios humanos, talvez; mas do olhar divino, a realidade era um tanto diferente.

A via da perplexidade, garantia de sucesso sobrenatural

Há algo que faz sofrer o coração do homem mais do que qualquer padecimento físico: a contradição. Quando o Senhor pediu a Abraão que sacrificasse o filho da promessa, gemeu o coração do patriarca porque a exigência de Deus contrariava o que Ele mesmo havia prometido.

Por que o Altíssimo procede assim? Ele concedeu ao homem a razão para que, ao conhecê-Lo, O amasse. Entretanto, em certas ocasiões exige de sua criatura uma entrega tão elevada que ultrapassa os limites do entendimento. Pediu-lhe um passo nos vastos panoramas da Fé, mas não lhe dá a explicação. Tal exigência se apresenta como uma contradição ou, inclusive, como um verdadeiro absurdo, diante do qual o pobre intelecto humano sente-se minúsculo e ineficaz.

Era bem esta a situação em que se encontrava o Pe. Eymard. Ao explicitar por uma profunda inspiração divina o chamado sacramentino, ele contemplara profeticamente a que píncaros de amor ao Santíssimo Sacramento sua obra devia conduzir a Igreja e o mundo, até uma transformação completa da sociedade. Entretanto, passados os anos, constatava o quanto a congregação e a maioria de seus filhos espirituais estavam distantes da realização do que o Senhor lhe falara interiormente, a ponto de, vendo que o fim da vida se aproximava, confidenciar-lhes: “Hei de morrer e, quando já não existir, ninguém terá a graça da fundação... [...] Eia, pois, aproveita-vos bem, pedi-me, usai mais de mim. Falo-vos quanto posso, mas vós vos contentais em escutar-me e deixais passar...”⁷⁸



João Paulo Rodrigues

“Ao fim de tudo isto, será o Reino do Santíssimo Sacramento”

Procissão de Corpus Christi na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Aos que Deus escolhe para triilhar as vias da contradição, restam-lhes apenas duas atitudes: revoltar-se, abandonando o primeiro amor e juntando-se aos que no Céu vociferaram “*Non serviam*”; ou submeter-se, ainda que nas brumas da incompreensão, unindo-se às miríades que bradaram “*Quis ut Deus*” e perseveraram na fidelidade Àquele que os amou primeiro. São Pedro Julião Eymard escolheu seguir o caminho aberto por São Miguel e seus Anjos.

Prova e consolação final em meio ao desmentido

Durante sua vida ele não fez outra coisa senão lutar, rezar e se sacrificar para que fosse fundado um Reino Eucarístico entre os homens: “Que venha o Reino de seu amor e se estenda sobre toda a terra, consumindo-a com um fogo celeste e eterno”.⁹ E o desmentido de ver a realização deste ideal tanto mais distante quanto mais se doava por ele, constituía, sem dúvida, uma prova à qual Deus

o submetia por uma altíssima razão, que não lhe era dado conhecer. Eis a grande perplexidade dos fundadores: contemplar a possibilidade de estabelecer neste mundo um reflexo do Céu, mas não ver sua completa efetivação. Na realidade, porém, mais do que seus préstimos humanos para a consecução desse sonho, o Senhor todo-poderoso quer deles a oblação perfeita de uma fé que, apesar das contradições, nunca se deixa vencer.

Teria alguma consolação mística sustentado o Santo no fim de seus dias? Consta, por exemplo, a misteriosa aparição no seu quarto de um nimbo, no qual sua dedicada assistente, pouco afeita a credices, alcançou ver as delicadas dobras de uma veste. Teria sido Nossa Senhora a lhe avisar da sua iminente partida e a consolá-lo nesse transe? Nunca saberemos ao certo. Mas, sim, podemos inferir que ele possuía a plena certeza, sustentada pela fé, do cumprimento de sua missão; a ponto de, a poucos dias de sua morte, afirmar, conforme vi-

mos no início deste artigo: “Ao fim de tudo isto, será o Reino do Santíssimo Sacramento”.

Seja antes ou depois de sua passagem para a eternidade, São Pedro Julião Eymard pôde comprovar o efeito desse holocausto de confiança consumado com heroísmo: o ostensório, circundado com a maior honra, a reinar sobre uma sociedade toda feita de santidade. Seus esforços, portanto, em favor da instauração desse Reino Eucarístico não foram em vão. Compreendeu ele que era necessário alguém sofrer tendo claro o objetivo de seus padecimentos, que um homem cresse na plenitude de tal Reino sem vê-lo nesta vida, para que outros pudessem contemplar sua plena realização. O fundador dos sacramentinos fez isso com perfeição, dando uma contribuição decisiva para o triunfo do Imaculado Coração de Maria anunciado meio século depois ao mundo em Fátima, pois o Reino de Nossa Senhora e o Reino Eucarístico são um só. ✧

¹ O BEM-AVENTURADO PEDRO JULIÃO EYMARD. Rio de Janeiro: Livraria Eucarística, 1953, p.593. Os dados

biográficos deste artigo foram extraídos da mesma obra.

² Idem, p.8.

³ Idem, p.175.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ Idem, p.255.

⁶ Idem, p.262.

⁷ Idem, p.256.

⁸ Idem, p.609-610.

⁹ Idem, p. 351.

Lei do aborto: lei ou “aborto” de lei?

Diante de intervenções do poder público que atentam contra os princípios não negociáveis, é inteiramente justa a intervenção da Igreja para exigir sua preservação.



✠ Pe. Bruno Esposito, OP

Em sua saudação no final do *Regina Caeli* de 22 de maio, o Papa Francisco dirigiu-se aos participantes da manifestação nacional *Escolhemos a vida*, com estas palavras: “Agradeço vosso empenho a favor da vida e em defesa da objeção de consciência, cujo exercício se tenta amiúde limitar. Infelizmente, houve nos últimos anos uma mudança na mentalidade comum e hoje estamos cada vez mais inclinados a julgar que a vida é um bem à nossa total disposição, que podemos optar por manipular, fazer nascer ou morrer a nosso bel-prazer, como o resultado exclusivo de uma escolha individual. Lembremo-nos de que a vida é um dom de Deus! Ela é sempre sagrada e inviolável, e não podemos silenciar a voz da consciência”.¹

Essa clara intervenção do Pontífice a respeito da sacralidade da vida ocorreu quando já parecia certo que a Suprema Corte dos Estados Unidos reexaminaria a histórica sentença *Roe v. Wade*,² que há quarenta e nove anos legalizou de fato o aborto, em nível federal.

Assim, embora respeitando profunda e sinceramente a diversidade de opiniões, e precisamente por isso – para que não se elabore e se justifique a este respeito uma espécie de “plu-

ralismo de mão única” pelo qual, no fim, é admitida e tem direito de cidadania apenas uma opinião, a da “cultura dominante” ou da maioria –, julgo não ser supérfluo aproveitar a intervenção do Santo Padre e a decisão da Corte Suprema como momentos favoráveis para refletir serenamente sobre a juricidade de uma lei que permite o aborto, e não dar por decidido aquilo que, na realidade, nunca poderá ser considerado como tal, por se tratar da vida de uma pessoa, e de uma pessoa inocente.

Dever de intervir, e não mera reivindicação de um direito

Desejo compartilhar algumas singelas reflexões concernentes, primeiramente, à questão prévia e mais genérica sobre o direito do Magistério de intervir no campo político quando estão em jogo a vida e a dignidade da pessoa humana. Procurarei, em seguida, fazer uma aplicação dessa tese à lei relativa ao aborto. Lei esta que, infelizmente, há muitos anos faz parte da legislação de numerosos Estados e que a Opinião Pública entende cada vez mais como “definitiva” e fruto da modernidade e da civilização, legal e, por conseguinte, lícita no âmbito moral.

Sobre o primeiro ponto, seria oportuno que todos, católicos e não católi-

cos, relesem o esclarecedor conteúdo do número 76 da Constituição pastoral *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II. Nele os Padres conciliares recordaram com suma clareza e equilíbrio o verdadeiro e sadio relacionamento que deve existir entre a Igreja e a comunidade política. Partindo do pressuposto de que cada uma é independente e autônoma no seu respectivo campo, embora no único serviço às mesmas pessoas humanas, ali se afirma com cristalina clareza, ao mesmo tempo, o direito da Igreja de pregar a Fé sempre e por toda parte, bem como o de ensinar sua doutrina social, e, de modo especial, de “pronunciar o seu juízo moral mesmo acerca das realidades políticas, sempre que os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação das almas o exigirem”. Como se deduz do texto citado, os Padres conciliares apenas manifestaram uma exigência específica da missão da Igreja que, a bem dizer, não reivindica perante a comunidade política o direito de expor o depósito da Fé e de ensinar a maneira correta de vivê-la, mas recorda a si mesma seu dever de fazê-lo para não trair o mandato que lhe foi confiado por seu Fundador. Agindo assim, a Igreja limita-se a propor a mensagem salvífica da verdade evangélica, sem visar, absolutamente, impô-la a quem

quer que seja. O que, aliás, seria hoje, mais do que nunca, contraproducente.

Contudo, isso não significa que, pelas formas apropriadas e nos tempos e lugares oportunos da vida política e social, quem exerce autoridade na Igreja não tenha o dever de afirmar a importância de certas opções. Na execução desta sua tarefa específica, o Magistério não faz senão recordar a todos as exigências intrínsecas e irrevogáveis da natureza humana, exigências que obviamente,

à luz da Revelação e tendo em vista a salvação eterna, são vinculativas de modo todo especial para quem se professa cristão.

Lei humana para salvaguardar os direitos de todos

Neste contexto, examinemos agora, quase a título de exemplo e de aplicação do acima exposto, a questão da legalização do aborto em numerosos sistemas jurídicos hodiernos, apresentada pela “cultura” contemporânea como uma conquista da civilização, um “direito inviolável” da mulher moderna, mesmo se objetivamente ele continue sendo sempre um crime abominável³ que pretende passar por um direito, pois consiste no assassinato do inocente por antonomásia, o mais pobre entre os pobres, porque não nascido!

Assim, a pretensão de legitimar juridicamente o aborto esquivava-se de ver a intrínseca contradição jurídica sobre a qual repousa. Com efeito, se a ideia de “Estado de direito” nasceu e se firmou no decurso do tempo por ser a salvaguarda dos direitos de todos, contra toda anarquia ou totalitarismo, como se pode admitir no seu sistema jurídico uma lei que faz do direito fundamental e primário, o direito à vida, uma concessão arbi-



Reprodução

O Magistério cumpre seu dever reafirmando o supremo e inviolável valor da vida desde a concepção

trária? Se qualquer um de nós veio à vida porque sua mãe lhe fez este “favor”, não se pode mais falar de autêntico e peculiar “direito”; e então desmoronam catastroficamente a concepção e a consequente estrutura do moderno Estado de direito, uma vez que precisamente seu primeiro e fundamental direito ficou reduzido, na melhor das hipóteses, a um favor!

Portanto, se o Magistério, mesmo à custa da impopularidade e das acusações de ingerência, não cessa de reafirmar em todos os foros e em todas as ocasiões o supremo e inviolável valor da vida desde a sua concepção, ele o faz consciente de estar cumprindo um estrito dever. Dever este que, embora nascido e iluminado pela Fé, não pode nela ficar relegado. Isto tem um significado específico para os parlamentares, políticos e presidentes de países que se declaram católicos. A defesa da vida não é uma questão confessional, para que baste proclamar-se “não crente” a fim de justificar opções e atitudes contrárias à razão, à verdade, ao direito e à justiça. Ao tratar sobre a vida e a dignidade da pessoa humana, tocamos em decisões que não estão sujeitas ao mero consenso da maioria para serem moralmente adotadas. Isso exige do Magistério, especialmente das

pessoas batizadas que exercem cargos na administração pública, o dever de intervir no âmbito político, evitando aquele complexo de inferioridade que tantas vezes desempenhou um considerável papel, com nefastos resultados, no engajamento político dos católicos. O diálogo é importante e necessário, desde que não prejudique a procura da verdade e da justiça, as quais não podem jamais serem sacrifi-

cadas no altar do compromisso, do oportunismo ou do cínico utilitarismo, sobretudo quando sobre esse altar sejam imolados inocentes.

Conclusão

Estas simples e breves reflexões nos dão esperança e, sobretudo, nos estimulam a rezar ao Senhor, para que os católicos de nossos dias se compenem cada vez mais da necessidade de chegar à Fé adulta, indispensável para anunciar e testemunhar ao mundo hodierno a beleza e o fascínio da Fé. Uma Fé que é fruto do relacionamento vivido com Aquele que nos amou a ponto de dar sua vida por nós na Cruz, que nunca está contra o homem, mas, sempre, totalmente a favor do homem. ✧

¹ FRANCISCO. *Regina Caeli*, 22/5/2022.

² Para quem deseja conhecer os antecedentes e a situação atual, remeto a: MOLINARI, Elena. *Aborto, la Corte Suprema può revocare il suo “sì”*. *Poi parola agli Stati*. In: www.avvenire.it.

³ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, n.51; SÃO JOÃO PAULO II. *Evangelium vitae*, n.4. Toda a encíclica de São João Paulo II deve ser objeto de meditação, hoje sobretudo, pela sua atualidade, mas convém deitar especial atenção nos números 22 e 23.

Delicadezas maternas de Dona Lucilia

Com todos os cuidados próprios a uma mãe verdadeiramente católica, Dona Lucilia se empenhava em dar uma digna formação a seus filhos estimulando neles o senso do maravilhoso.

↪ **Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**

O especial zelo de Dona Lucilia com seus filhos manifestava-se inclusive em sua alimentação. Acha-va ela, fiel às antigas e sábias concepções, ser a boa nutrição a base de uma vigorosa saúde. Por isso, desdobrava-se em solitudes e atenções para Rosée e Plínio terem à mesa substanciosas e atraentes iguarias.

Na alimentação, mil delicadezas maternas

Com todo o carinho, procurava saber quais os pratos mais apreciados por eles, empenhando-se em que as cozinheiras preparassem um *menu* inteiramente adaptado aos seus gostos. Dessa forma estimulava o apetite de ambos para que se alimentassem bem.

Com frequência, levava as crianças a confeitarias e salões de chá, como o do Mappin ou o da Casa Alemã, onde o requinte se aliava à boa comida, e dos quais elas eram calorosas frequentadoras. Algumas vezes acompanhava-as também a *Fräulein* Matilde, sua governanta.

Em seu desvelo materno, Dona Lucilia recorria até às velhas receitas caseiras trazidas de Pirassununga, sua cidade natal.

Na São Paulo de então, em que se misturavam ainda, pitorescamente,

o bucolismo da vida campestre com o progresso crescente da cidade, era frequente ouvir-se, de manhãzinha, o bimbalar dos sininhos de um rebanho de cabras, cujo leite, forte e saboroso, era vendido de porta em porta. Dona Lucilia mandava uma criada comprá-lo, e ela mesma os servia depois aos filhos, ainda na cama, em belos copos de cristal, misturado com *cognac* francês e canela. Receita tão simples quanto antiga, que seu afeto não deixava de transformar em poderoso tonificante.

Em outras ocasiões, enquanto as crianças, sob o vigilante olhar da *Fräulein* Mathilde, entregavam-se à árdua tarefa dos estudos, Dona Lucilia lhes preparava deliciosos lanches para recompensá-los pelo esforço.

Tão próvida na alimentação de seus pequenos, ela não o era menos no tocante a outro aspecto da educação infantil, aparentemente sem importância: os brinquedos.

Estimulando nos filhos o senso do maravilhoso

Através dos brinquedos, queria Dona Lucilia manter Rosée e Plínio voltados para aquele mundo feérico da civilização europeia que há pouco haviam conhecido durante uma viagem, impregnando assim a fundo a infância



deles com o aroma da cultura do Velho Continente, de forma a orientar suas tendências para tudo o que há de mais elevado.

Por isso, tinha extremo empenho em evitar brinquedos que pudessem levar à vulgaridade ou a inculcar nas crianças uma mentalidade laica. Preferia os que estimulassem o senso do maravilhoso ou contribuíssem para uma boa formação intelectual e cultural.

Quando pretendia comprar alguns, por exemplo no Natal, saía com os filhos, sem lhes manifestar sua intenção, e passava “casualmente” por alguma das melhores lojas especializadas em brinquedos, como a Casa Lebre, a Casa Fuchs ou a Casa São Nicolau, deixando-os admirar à vontade o que quisessem. Ao analisar a reação

de ambos, muito expansivos, era-lhe fácil descobrir o que mais lhes tinha agradado. Desta forma, as surpresas preparadas por ela sempre coincidiam com os anseios das crianças.

Um dos brinquedos dados por Dona Lucilia a Plínio, e que animou a primeira infância dele, ainda antes da viagem à Europa, fora um cavalinho de madeira, que ele considerava muito grande e, em consequência, chamava “meu Enorme”. “Enorme” ficou trancado no armário dos brinquedos durante todo o tempo que a família permaneceu fora. De volta do Velho Continente, um dos desejos que o menino mais apressadamente resolveu satisfazer consistiu em rever seu “Enorme”, a fim de brincar com ele. Mas, qual não foi sua perplexidade ao encontrá-lo. Parecia ter diminuído de tamanho! Sentindo viva estranheza, Plínio chegou a pensar que lhe tinham substituído maliciosamente o querido objeto. Por fim, teve de ceder à força irresistível de uma explicação bem dada: não diminuirá o “Enorme”, mas crescera o Plínio. Contudo, ele se mantinha desapontado, e continuou a rejeitar categoricamente o brinquedo. Dona Lucilia, em face da atitude do filho, sorria amorosamente enternecida. Começava, para Plínio, a longa carreira dos desapontamentos que a vida traz consigo a todos os homens.

Em certas ocasiões, levada por seu desvelo, queria ela mesma confeccionar os presentes. Às vezes – apesar de doente – ficava acordada até uma ou duas horas da manhã, desenhando figuras tais como pequenas bonecas de papelão, que recortava, adornava e pintava para Rosée, com esmero único. Costumava usar um pó brilhante, feito de mica, para enfeitar os personagens nas cabeleiras e nos trajés.

Mandou fazer para a filha, numa carpintaria, uma casa de bonecas e, em estilo condizente com esta, móveis por ela mesma desenhados, decorando-a depois com cortininhas

e outros adornos, que acuradamente planejara e costurara. A casa se compunha de três cômodos “espaçosos”: uma sala de visitas, uma sala de jantar e um quarto de dormir.

Soldadinhos de chumbo, bem apurados em seus belos e coloridos uniformes – comprados na Casa Maurice Grumbach – faziam o encanto de Plínio. Chegou a contar mais de mil, com os quais organizava paradas, revistas e batalhas. Foi um dos brinquedos que ele mais apreciou, guardando-o depois por longos anos como saudosa recordação dos tempos de infância.

Outro presente dado afetuosamente por Dona Lucilia a seu filho foi uma aldeia francesa em miniatura, brinquedo cuidadosamente escolhido por ela, não só para incentivar a imaginação do menino, que podia compor o panorama como lhe aprouvesse, mas também para lhe despertar ainda



Reprodução

Com bondade e firmeza, Dona Lucilia preparava seus filhos para escolherem sempre o caminho do dever

Plínio menino; na página anterior,
Dona Lucilia em 1906

mais gosto pelas boas maneiras. Isto porque, entre as peças integrantes do conjunto, figuravam alguns personagens que se saudavam. Um deles, por exemplo, um juiz de direito, vestido de fraque, portava uma bengala e, em sinal de deferência, tirava seu chapéu ao cumprimentar uma pessoa que pelo caminho passava.

Entre os brinquedos comprados por Dona Lucilia, encantavam especialmente a Plínio lindos *puzzles* importados, com gravuras de palácios, paisagens europeias, ou figuras do Oriente, como o Taj Mahal ou um grupo de tuaregues com seus camelos, atravessando ao pôr do sol um deserto cujas areias eram tingidas de rubro-áureo.

Preparando os filhos para trilharem o caminho do dever

Quem analisar de modo superficial a solicitude manifestada por Dona Lucilia na educação de seus filhos, poderá julgar erroneamente que a bondade, o afeto e a doçura, nela superabundantes, excluía as virtudes opostas a estas: a severidade, a intransigência em relação ao mal e o senso de justiça.

Quando se tratava do cumprimento do dever, por mais difícil que fosse, ou da rejeição ao mal, ela não cedia um milímetro, conservando embora toda a suavidade de trato.

Nos horários, por exemplo, não permitia nenhuma mudança. Exigia as orações da manhã e da noite, de antes e depois das refeições, como também hora exata para deitar, levantar e fazer sesta. Assim, numerosas obrigações diárias, observadas fielmente, iam preparando seus filhos para escolherem o caminho do dever, até mesmo nas grandes dificuldades da vida. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucilia*.
Città del Vaticano-São Paulo:
LEV; Lumen Sapientiae,
2013, p.174-177



Fotos: Emilio Paez

Equador – No mês de março, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria percorreu diversas paróquias da Província de Azuay, reunindo os fiéis para a solene coroação da Santíssima Virgem e a Santa Missa. Acima, visita a Tutupali Grande (foto 1) e Zhucay (foto 2), em Tarqui, e à matriz de Camilo Ponce Enríquez (foto 3).



araldimissioni.it

Ricardo Schneider



araldimissioni.it

araldimissioni.it

Franco Bobbio

Itália – No dia 13 de junho, os Arautos do Evangelho participaram da procissão em honra a Santo Antônio realizada na basílica a ele dedicada em Pádua (foto 2). Em Roma, as comemorações pela festa de Santa Rita de Cássia ocorreram nos dias 21 e 22 de maio, na Igreja de San Benedetto in Piscinula, com momentos de oração e Celebrações Eucarísticas (foto 1). Nesse período, missões marianas continuaram sendo promovidas em diversas cidades italianas, entre as quais Anogia (foto 3) e Scoppito (foto 4). A Imagem Peregrina também percorreu a Paróquia Nossa Senhora da Assunção de Borbiago, em Mira, durante a bênção dos campos para uma boa colheita (foto 5).



Fotos: Nicol Langa

Moçambique – Celebração da Vigília de Pentecostes na Paróquia São Gabriel, dos Padres Servitas (foto 2), procissão de Corpus Christi (foto 1) e Missas dominicais na Comunidade São José de Matola-Gare (foto 5), foram algumas das atividades pastorais realizadas nos últimos meses pelos arautos desse país. No mês de maio, trezentas crianças da Comunidade São Vicente receberam o escapulário de Nossa Senhora do Carmo (foto 4), e um novo grupo de fiéis fez sua consagração como escravos de amor à Santíssima Virgem, segundo o método de São Luís Maria Grignon de Montfort (foto 3).



Fotos: Isabel Sousa

Brasil – Os lares próximos à Capela Monte Calvário, da Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Mairiporã (SP), receberam no dia 28 de maio a visita da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria. O sacerdote arauto que a acompanhava, abençoou as casas e administrou o Sacramento da Unção do Enfermos aos que necessitavam.



José Maldonado



Emilio Paez



Emilio Paez



Pablo Vela



Emilio Paez

Visitas a colégios latinoamericanos

Túmeros centros educacionais da América Latina receberam com alegria e devoção a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria. Acima, visitas ao Colégio La Salle de Seglares, na Cidade do México (foto 1); à Unidade Educativa American School (foto 2), Unidade Educativa Latinoame-

ricana (foto 3) e Colégio Ausubel (foto 5), em Cuenca, Equador; e ao Colégio Santa Clara de Assis, em Buenos Aires, Argentina (foto 4). Em muitas dessas visitas, após a solene coração da Santíssima Virgem houve uma apresentação musical para os estudantes.



Fotos: Rocío Hidalgo



Colômbia – No dia 25 de abril a Escola de Polícia Carlos Eugênio Restrepo, de La Estrella, comemorou seu 38º aniversário com uma Missa presidida pelo Pe. Juan Antonio Vargas, EP, e concelebrada pelo Pe. Zahir Gabriel Arión, pároco castrense. O setor feminino dos Arautos do Evangelho de Medellín animou com seus cantos a celebração.



Fotos: Nuno Moura

Portugal – O Santuário de Fátima acolheu, no dia 23 de abril, os cerca de oito mil peregrinos que participaram do XVII Encontro Nacional dos Arautos do Evangelho. A programação culminou com a Santa Missa presidida por Dom Francisco Senra Coelho, Arcebispo de Évora, na Basílica da Santíssima Trindade.



Fotos: Felipe Cedraz

Brasil – A Missa de Páscoa dos militares de Salvador, presidida por Dom Sérgio da Rocha, Arcebispo Metropolitano, na Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia, contou com a participação do coral dos Arautos, os quais também auxiliaram no cerimonial litúrgico (foto 1). No dia 13 de maio, o Vereador Alexandre Aleluia consagrou a cidade ao Imaculado Coração de Maria, na câmara municipal (foto 3). E, no dia seguinte, dezesseis fiéis foram crismados por Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida, Bispo Auxiliar de Salvador, na casa dos Arautos em Lauro de Freitas (fotos 4 e 5), onde se realiza todos os meses a Comunhão reparadora do primeiro sábado (foto 2).



Campanha Eucarística é promovida nos Estados Unidos

Uma pesquisa realizada no ano de 2019 pela agência americana *Pew Research Center*, apontou que só cerca de 31% dos católicos dos Estados Unidos creem na Presença Real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia. Em vista disso, no dia 14 de junho a Arquidiocese de Detroit, em parceria com o *Hallow App*, lançou a campanha *I Am Here – Eu estou aqui –*, que tem por objetivo promover uma verdadeira devoção a Jesus-Hóstia.

Entre outros recursos, a iniciativa divulga numerosos testemunhos de fiéis a respeito da mudança operada em suas vidas pela Adoração Eucarística, bem como disponibiliza em sua página web um aplicativo com meditações e explicações sobre a Eucaristia, incentivando os fiéis a ouvi-las durante uma visita ao Santíssimo Sacramento em sua paróquia.

Beatificação de mártires libaneses

No dia 4 de junho, a Igreja Católica no Líbano pôde celebrar com júbilo a beatificação de dois franciscanos que morreram mártires durante a Primeira Guerra Mundial. O Pe. Léonard Melki e o Pe. Thomas Saleh eram amigos desde a infância e ambos ingressaram na Ordem dos Frades Menores. Sob falsas acusações, o primeiro foi preso e brutalmente torturado até ser executado a tiros em 11 de junho de 1915, no deserto, junto a outros 417 prisioneiros. O Pe. Thomas Saleh, por sua vez, foi condenado à pena capital sob

a acusação de conspirar contra o Império Otomano, por esconder um sacerdote armênio perseguido em razão de pertencer a este povo. Faleceu em 18 de janeiro de 1917 de desnutrição e tifo, enquanto caminhava para o local da execução.



Capelas de Adoração Perpétua crescem na Espanha

O número de capelas destinadas à Adoração Perpétua na Espanha não tem cessado de crescer. Desde março de 2020, apesar das restrições impostas pela pandemia da Covid-19 e de suas consequências sobre a prática religiosa, cinco novas capelas de Adoração foram inauguradas, completando um total de setenta em todo o país.

Javier Taberner, um dos impulsores da devoção na Espanha, destaca ser esse um sintoma de que “as pessoas estão revalorizando a importância de ter o Senhor junto a nós as vinte e quatro horas do dia”.

Bispos da Colômbia realizam curso sobre exorcismo

Entre os dias 21 e 23 de junho, a Conferência Episcopal Colombiana realizou em Bogotá o II Curso de Exorcismo e Oração de Libertação, que congregou delegados episcopais e leigos de todas as dioceses do país.

Conforme explicou Mons. Gabriel Londoño Sepúlveda, exorcista da Arquidiocese de Bogotá, o encontro, que contou com a participação de conferencistas de diversas áreas, teve por objetivo responder às situações espirituais novas que estão surgindo não só na Colômbia, mas em todo o mun-

do, auxiliando os ministros na atenção a tantas pessoas que se sentem acossadas pelo mal.

Da Guarda Suíça ao seminário

Após oito anos na Guarda Suíça, Didier Grandjean, de trinta e dois anos, decidiu deixar o posto de suboficial do corpo armado para ingressar no seminário. Segundo ele mesmo relatou a uma agência de notícias italiana, nesse período que passou na Cidade Eterna paulatinamente ele foi sentindo o chamado de servir a Nosso Senhor mais de perto e dedicar sua vida inteiramente a Ele. Assim, após pausada reflexão, concluiu que a via querida por Deus para ele era a do sacerdócio.

Mártires da castidade beatificadas na Polônia

No dia 11 de junho, o Cardeal Marcello Semeraro, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, presidiu a cerimônia de beatificação de dez religiosas polonesas que sofreram o martírio em 1945 pelas mãos das tropas soviéticas. A Ir. Maria Paschalis Jahn e suas companheiras pertenciam à Congregação das Irmãs de Santa Isabel, e morreram em diferentes cidades defendendo sua fé e castidade após serem atacadas por soldados do Exército Vermelho.

A elevação aos altares das religiosas é também uma forma de honrar todas as outras mulheres consagradas executadas por soldados soviéticos durante o período da guerra. Estima-se que, só na Congregação de Santa Isabel, mais de cem irmãs foram assassinadas em circunstâncias parecidas.

Cristãos obrigados a abandonar suas casas

Um informe publicado em junho por *Open Doors*, ONG que trabalha em prol da liberdade religiosa, revela que cristãos de cinquenta e oito países – dos setenta e seis onde sofrem

Cáritas Espanhola celebra setenta e cinco anos de existência

A Cáritas Espanhola completa neste ano setenta e cinco anos de fundação. O surgimento da instituição deu-se no difícil período do pós-guerra tanto nacional quanto mundial, tendo em vista as grandes dificuldades enfrentadas pela população. Em 1947, foram elaborados os estatutos fundacionais, constituindo a Cáritas tal como a conhecemos hoje. Com o tempo a entidade se expandiu, chegando a ocupar-se de obras de caridade em plano internacional. Atualmente mantém mais de sessenta projetos em quarenta países da África, América do Sul e América Central, Ásia, Leste Europeu e Oriente Médio.

As comemorações pela efeméride culminaram com a celebração, no dia 1º de julho, de uma Missa em ação de graças presidida pelo Cardeal Carlos Osoro Sierra, Arcebispo de Madri, na Catedral de Nossa Senhora da Almudena. Cáritas Espanhola desejava, assim, agradecer a todos os agentes, voluntários e doadores que possibilitaram seu trabalho em favor das pessoas mais vulneráveis.



archimadrid.org

Celebração Eucarística na Catedral da Almudena, Madri, pelos setenta e cinco anos da Cáritas

mais perseguição em todo o mundo – foram obrigados a abandonar suas casas devido à fé que professam.

A pressão social ou familiar, as leis contra “a apostasia e a blasfêmia”, a instabilidade política e as imposições de grupos extremistas contam-se entre os principais fatores que provocam tal situação. Segundo Helene Fisher, uma das especialistas responsáveis pela investigação, “o deslocamento não é apenas uma consequência da perseguição, mas, em muitos casos, é intencionalmente parte de uma estratégia mais

ampla, que visa erradicar o Cristianismo da comunidade ou país”.

Dois sacerdotes assassinados na Nigéria

Mais dois sacerdotes somam-se às vítimas da perseguição religiosa que assola a Nigéria. No dia 26 de junho, homens armados assassinaram o Pe. Vitus Borogo, capelão da comunidade católica no Politécnico do Estado de Kaduna, em Prison Farm, ao longo da estrada Kaduna-Kachia. No mesmo dia, o Pe. Christopher Odia,

da Diocese de Auchí, foi sequestrado enquanto se dirigia para a Missa dominical e, posteriormente, morto.

Poucos dias antes, três pessoas faleceram e outras quarenta foram sequestradas num ataque à Igreja de São Moisés, no noroeste da Nigéria, ocorrido durante a Missa dominical. E no dia 5 de junho, Solenidade de Pentecostes, cerca de quarenta fiéis perderam suas vidas no massacre perpetrado por terroristas armados na Igreja de São Francisco Xavier, no sudoeste do país.

GAUDIUM PRESS
A PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CATÓLICAS DO BRASIL

Faça a sua assinatura gratuitamente em **GAUDIUMPRESS.ORG**

Acompanhe as principais notícias da Igreja Católica no Brasil, no mundo e no Vaticano

PARA RECEBER NOTÍCIAS EM SEU WHATSAPP REGISTRE NOSSO NÚMERO E ENVIE-NOS UMA MENSAGEM

+55 11 988051031



Qual o seu valor?

Depois de alguns suspiros cheios de amargura, Leonardo põe-se a caminhar sem direção pelo apartamento, à espera de alguma inspiração. A ansiedade está no maior grau. O assunto é sério...



✦ Ir. Maria Gabriela Carvalhaes Fiúza, EP

O sol já se pôs. Estamos numa das grandes cidades modernas, no quarto andar de um edifício, no ambiente comum de uma casa de família.

Horas diante do caderno, mil ideias confusas à mente; entretanto, nenhuma frase escrita... Do que se trata? O jovem Leonardo recebeu da professora de Português, como lição de casa que vale imperdíveis dez pontos, a tarefa de fazer uma dissertação com o título: “Qual o seu valor?” Após passar ainda longos quinze minutos sem nenhuma inspiração digna de ser apresentada com o nome de “redação”, cansado e sofrendo o próprio fracasso, ele fecha o caderno e põe-se a andar sem rumo pela sala. Para completar a situação, até seu cachorro parece compartilhar o estado desnordeado do rapaz, pois começa a rodar em torno de si mesmo a plena velocidade...

Leonardo se joga no sofá e manuseia o celular, convicto de que, agora sim, neste aparelho “mágico” será fácil encontrar uma iluminação para o trabalho e, quiçá, achará uma pronti-

nha! Mais veloz que as voltas do animal, aparece o resultado na primeira busca com a palavra *valor*: “carro de maior valor”. Já antegozando o sucesso, escolhe esta opção! Mas... a voz aguda da mãe chama-o do “mundo dos automóveis”:

— Leonardo! Seu irmão bateu o carro ao voltar da faculdade! Não aconteceu nada com ele. Ainda bem que o carro era meio velho, nem tinha muito valor...

— Pois é, mãe... — responde desconcertado.

Em pouquíssimos segundos, lá se foi todo o “valor” que a internet lhe apresentara...

Quem sabe as inspirações surgem noutra fonte: pega, então, um folheto recebido na farmácia, quando fora comprar remédios para a avó. Letras grandes e muitas cores: “Cuide bem de sua saúde, ela é o único valor de sua vida!” É isso! Leonardo pensa ter encontrado a solução que lhe conquistará os dez pontos em Português! Apanha ele o cader-



Ilustrações: Giuliana D'Amaro

Horas diante do caderno, e nenhuma frase escrita... Leonardo não sabia por onde começar o dever de casa!

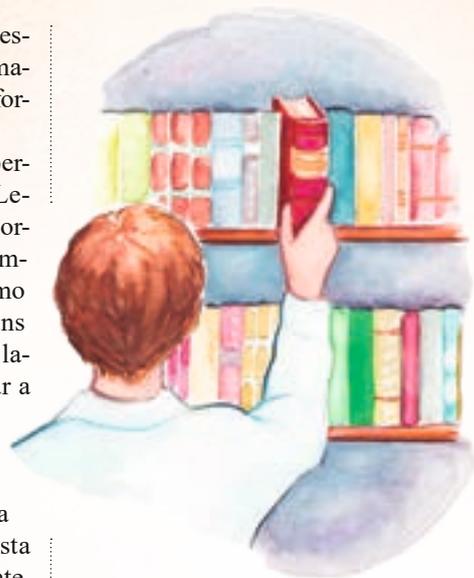
no e, com certa vergonha de si mesmo, escreve a frase do encarte farmacêutico como a primeira de seu esforçado texto.

Contudo, algo vem interromper-lhe o fio lógico: toca o telefone, Leonardo se levanta de um salto e corre ao aparelho no auge de seu bom-humor – nem se diria ser o mesmo adolescente acabrunhado de alguns instantes atrás. O cão se põe a latir e pular; será para compartilhar a vitória final do dono? Leonardo atende. Surpresa! Mas nem toda surpresa é boa... Trata-se do aviso do cancelamento da festa de aniversário da prima, porque esta – coitada – está doente. Novamente, vai-se pela janela “o único valor”... Leonardo, agora furioso, dá ordens severas ao pobre cachorro que pare de ladrar, o qual, não entendendo a brusca mudança, deita-se melancólico. Como vingança pessoal e intransferível, último ato: Leonardo arranca a folha do caderno, amassa-a e joga-a janela abaixo!

A ansiedade está no maior grau. O assunto é sério!

O estudante toma, então, lugar à mesa na qual seu pai resolve os problemas de trabalho; encontra um jornal impresso junto ao computador. Coisa um tanto rara hoje em dia. A leitura em papel físico, não “virtual”, atrai o jovem redator. Sentindo-se maduro em idade, Leonardo procura interessar-se por aquelas letrinhas pretas. “Ter dinheiro, o valor do homem moderno”, a primeira ideia encontrada. Eis a solução do enigma! Leonardo não titubeia: tira o descanso de tela para redigir sua obra-prima.

Susto... uma “janela” se abre, talvez algo que diga respeito aos assuntos paternos: “Bolsa de valores cai e transforma ricos em mendigos”. Não pode ser! Num esforço quase desesperado, abre outra nota em cores mais chamativas: “Pandemia e quebra financeira”. Extenuado por tanta



Após inúmeros fracassos, ele decidiu buscar inspiração em um dos livros da biblioteca de seu avô

frustração, Leonardo vê-se sem forças sequer para desligar o aparelho... Afasta a cadeira giratória e deixa cair a cabeça sobre o teclado.

Depois de alguns suspiros cheios de amargura, a distância psíquica vai tomando novamente lugar. “Não, certamente as ideias virão com o movimento”, pensa. Leonardo resolve, pois, caminhar sem direção pelo apartamento, sempre acompanhado pelo fiel animal de estimação, que não guardou ressentimentos do nervosismo anterior.

Acaba, finalmente, por entrar na sala onde está a biblioteca legada pelo avô. São fileiras de livros, uma pilha intrusa de revistas de culinária que sua mãe deixou por ali e até uma discreta camada de poeira... Em que poderá se inspirar?

Com decisão Leonardo pega um dos volumes mais antigos. Senta-se e qual o seu espanto ao ler o nome do livro: “As imagens de maior valor”. Valor! “Ih... será um novo engano?”, reflexiona. Vencendo os traumas, abre o livro.

Na primeira página o jovem vê a foto de uma imagem muito antiga de

Maria Santíssima, desgastada pelos séculos; inclusive sofreu o furor das chamas! Leonardo lê uma nota explicativa: “No centro de uma praça medieval encontrava-se a piedosa Virgem dos Aflitos, desafiando as intempéries e sempre a sorrir para os transeuntes. Certo dia, um incêndio ocorreu na cidadela e se alastrou pelos pinheiros ao redor; as labaredas marcaram inclusive a tão querida Nossa Senhora. O fogo fora apagado, mas outro fogo se intensificou: o amor da população à Virgem dos Aflitos, que passou a ser a padroeira local”. O comentário final era o seguinte: “O material da escultura não é de grande qualidade. Há em nossa região incontáveis peças sobremaneira preciosas. Contudo, o desastre pelo qual passou nossa intercessora conferiu-lhe um valor que ultrapassa qualquer ouro”.

Agora sim, entusiasmado, Leonardo fecha o livro e sente as ideias virem à cabeça com clareza! Levanta-se com rapidez, agarra o castigado caderno de horas atrás e nele grava palavras com letra segura: “Qual é o seu valor? Você vale pelas lutas, pelos sofrimentos, pelos dramas enfrentados! O valor de uma criatura humana não se encontra em ter bens materiais, saúde, dinheiro... Seu valor está em cumprir a vontade de Nosso Senhor, ser fiel a Ele em qualquer circunstância, ainda que o ardor dos infortúnios o faça sofrer”.

Linhas e linhas partem das mãos do feliz aluno, que tanto aprendeu nas desilusões e numa rápida leitura. “Terminei uma lição e aprendi outra para a vida!”, exclamou desanuviado. O cão amigo “intuiu” a alegria do estudante e pulou ao seu lado no sofá. Leonardo, agora um jovem amadurecido pelos fatos, afagou a cabeça do animalzinho e concluiu: “Hoje entendi de onde provém o meu verdadeiro valor: atravessar as tormentas em união com Deus!” ✧

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Santo Afonso Maria de Ligório, Bispo e Doutor da Igreja (†1787 Paganani - Itália).

Beato Aleixo Sobaszek, presbítero e mártir (†1942). Sacerdote polonês deportado para o campo de concentração de Dachau, Alemanha, onde morreu após sofrer atrozes tormentos.

2. Santo Eusébio de Vercelli, Bispo (†371 Vercelli - Itália).

São Pedro Julião Eymard, presbítero (†1868 La Mure - França).

Beata Joana de Aza (†séc. XIII). Mãe de São Domingos de Gusmão, a quem conduziu desde a infância nas vias da virtude.

3. São Pedro de Anagni, Bispo (†1105). Monge beneditino eleito Bispo de Anagni, Itália.

4. São João Maria Vianney, presbítero (†1859 Ars-sur-Formans - França).

Santo Arstarco. Cristão macedônio, discípulo de São Paulo, acompanhou-o em difíceis circunstâncias de apostolado, até na prisão.

5. Dedicção da Basílica de Santa Maria Maior.

Beato Francisco Zanfredini, eremita (†c. 1350). Terciário franciscano que, após doar seus bens aos pobres, viveu quase cinquenta

anos numa ermida em Montegrano, Itália.

6. Transfiguração do Senhor.

Santo Hormisdas, Papa (†523). Findou o cisma provocado por Acácio no Oriente.

7. XIX Domingo do Tempo Comum.

São Sisto II, Papa, e **companheiros,** mártires (†258 Roma).

São Caetano de Thiene, presbítero (†1547 Nápoles - Itália).

Beato Jordão Forzate, abade (†c. 1248). Para escapar do incêndio que se alastrava em Pádua, refugiou-se no mosteiro beneditino. Ali permaneceu, atraído pela vida religiosa.

8. São Domingos de Gusmão, presbítero (†1221 Bolonha - Itália).

Beata Maria Margarida Caiani, virgem (†1921).

Fundadora do Instituto Franciscano das Irmãs Mínimas do Sagrado Coração, em Poggio, Itália.

9. Santa Teresa Benedita da Cruz, virgem e mártir (†1942 Auschwitz - Polónia). **Padroeira da Europa – Festa.**

Beato Florentino Asensio Barroso, Bispo e mártir (†1936). Foi preso e fuzilado durante a Guerra Civil Espanhola, pouco tempo depois de tomar posse da Diocese de Barbastro.

10. São Lourenço, diácono e mártir (†258 Roma).

Beato Agostinho Ota, religioso e mártir

(†1622). Irmão leigo jesuíta e ardoroso catequista, decapitado no Japão.

11. Santa Clara de Assis, virgem (†1253 Assis - Itália).

Santo Equício, abade (†a. 571). Por sua santidade, povoou de mosteiros a antiga província Valéria, na Itália.

12. Santa Joana Francisca de Chantal, religiosa (†1641 Moulins - França).

Beata Vitória Díez y Bustos de Molina, virgem e mártir (†1936). Fuzilada durante a Guerra Civil Espanhola, morreu exortando outros católicos ao martírio.

13. Santos Ponciano, Papa, e **Hipólito,** presbítero, mártires (†c. 236 Sardenha - Itália).

Santa Radegunda (†587). Esposa de Clotário, rei dos francos, entrou para o Mosteiro da Santa Cruz de Poitiers ainda em vida do marido.

14. XX Domingo do Tempo Comum.

São Maximiliano Maria Kolbe, presbítero e mártir (†1941 Auschwitz - Polónia).

São Domingos Ibáñez de Erquicia, presbítero e mártir (†1633). Missionário dominicano morto em Nagasaki, Japão, por ordem do xógum Tokugawa Yemitsu.

15. Solenidade da Assunção de Nossa Senhora.

Santo Alípio, Bispo (†c. 430). Bispo de Tagaste, Argélia, e discípulo de Santo Agostinho, foi também seu companheiro na conversão, no ministério pastoral e na luta contra os hereges.

16. Santo Estêvão da Hungria, rei (†1038 Székesfehérvár - Hungria).



Francisco Lecaros

Santa Radegunda - Igreja a ela dedicada em Poitiers (França)

São Roque, peregrino (†c. 1379). Nascido na França, peregrinou pela Itália cuidando dos afetados pela peste.

17. Santa Beatriz da Silva, virgem (†1492 Toledo - Espanha). Jovem da mais alta nobreza portuguesa, fundou a Ordem da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria, também conhecida por Concepcionistas.

Santa Joana Delanoue, virgem (†1736). Fundou em Saumur, França, o Instituto das Irmãs de Santa Ana da Providência.

18. Santos Mártires da Massa Cândida (†séc. III-IV). Cristãos mortos numa fornalha em Útica, na atual Tunísia, durante as perseguições de Valeriano e Galieno. São assim conhecidos por terem seus restos mortais constituído uma alvíssima massa.

19. São João Eudes, presbítero (†1680 Caen - França).

São Bartolomeu de Simeri, abade (†1130). Depois de algum tempo de vida eremítica, erigiu um mosteiro na Calábria, Itália.

20. São Bernardo de Claraval, abade e Doutor da Igreja (†1153 Langres - França).

São Samuel, profeta. Chamado pelo Senhor desde tenra infância, foi juiz em Israel. Por mandato divino ungiu Saul como rei e, quando Deus o rejeitou, conferiu a unção real a Davi.

21. XXI Domingo do Tempo Comum.

São Pio X, Papa (†1914 Roma).

Beata Vitória Rasoamanarivo, viúva (†1894). Pertencente a uma influente família de Madagascar, converteu-se à Fé Católica. Quando os missionários foram expulsos

do país, ajudou os cristãos e defendeu a Igreja.

22. Nossa Senhora Rainha.

Beato Elias Leymarie de Laroche, presbítero e mártir (†1794). Encarcerado numa sordida embarcação em Rochefort, França, por não ter assinado a constituição civil do clero, morreu consumido pelas enfermidades ali contraídas.

23. Santa Rosa de Lima, virgem (†1617 Lima).

São Zaqueu, Bispo (†séc. II). Segundo a tradição, foi o quarto Bispo a dirigir a Igreja de Jerusalém depois do Apóstolo São Tiago.

24. São Bartolomeu, Apóstolo.

Santa Emília de Vialar, virgem (†1856). Fundou em Gaillac, França, a Congregação das Irmãs de São José da Aparição, para difusão do Evangelho em regiões longínquas.

25. São Luís IX, rei de França (†1270 Túnis - Tunísia).

São José de Calasanz, presbítero (†1648 Roma).

Beata Maria do Trânsito de Jesus Sacramentado, virgem (†1885). Fundou em Córdoba, Argentina, a Congregação das Irmãs Missionárias da Ordem Terceira de São Francisco.

26. São Melquisedec. Rei de Salm e sacerdote do Deus Altíssimo

(cf. Gn 14, 18-20). Seu sacerdócio prefigura o de Cristo (cf. Hb 5, 6).

27. Santa Mónica (†387 Óstia - Itália).

Beato Ângelo Conti, presbítero (†1312). Sacerdote da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, falecido em Foligno, Itália, destacou-se por sua paciência diante das ofensas.

28. XXII Domingo do Tempo Comum.

Santo Agostinho, Bispo e Doutor da Igreja (†430 Hipona - Argélia).

Santa Florentina, virgem (†séc. VII). Irmã de três Santos: Leandro, Fulgêncio e Isidoro de Sevilha, foi abadessa do mosteiro beneditino de Écija, Espanha.

29. Martírio de São João Batista.

Santa Eufrásia do Sagrado Coração de Jesus, virgem (†1952).

Religiosa da Congregação da Mãe do Carmelo, de rito sírio-malabar, falecida no convento de Ollur, Estado de Kerala, Índia.

30. São Fiacre, eremita (†c. 670).

Originário da Irlanda, estabeleceu-se na França em lugar solitário. Ali construiu o mosteiro que deu origem ao povoado de Saint-Fiacre.

31. São Raimundo Nonato, religioso (†c. 1240). Um dos primeiros companheiros de São Pedro Nolasco na Ordem dos Mercedários, morreu a caminho de Roma, onde ia receber o barrete cardinalício.



Sergio Hollmann

São João Maria Vianney - Catedral de Bayonne (França)

Nobrememente sacral

Uma biblioteca arquetípica não deve visar apenas o funcional, mas confortar a alma que deseja elevar-se aos altos páramos da sabedoria. Precisa também ter uma beleza própria a atrair os espíritos celestes.



↳ Lorena Mello da Veiga Lima

É um salão nobre, mas não pertence a nenhum palácio; acentuadamente sacral, sem ser capela. Sente-se nesse ambiente alegria, sem se ouvirem gargalhadas; há luz sem exageros, uma beleza que não desvia o espírito das mais altas cogitações.

Poltronas confortáveis convidam para uma conversa que jamais inicia, pois guarda-se ali profundo silêncio. Grande número de pessoas o frequenta discretamente, sem prejudicar a atmosfera de recolhimento.

De que lugar estamos falando? Com as fotos que ilustram estas páginas, vai-se embora o suspense e não fica difícil adivinhar... Concorda o leitor com a descrição acima?

E se nos detivermos por um instante para refletir sobre nossas impressões, concluiremos não haver cenário mais conveniente para uma excelente biblioteca, receptáculo de milhares de livros transbordante de lições de história, cultura e saber.

Se para bem exercer qualquer atividade é sempre desejável contar com um espaço adequado, quanto mais não convém ter um local específico para alimentar nosso conhecimento!

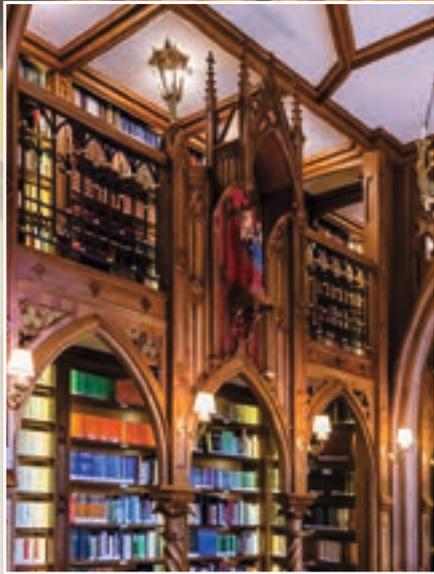
A visão funcionalista da sociedade atual considera as bibliotecas como prédios ou salas onde estão depositadas e convenientemente catalogadas diversas coleções de livros, periódicos e outros documentos. Visa-se, não só manter organizado o valioso acervo, mas também defendê-lo contra a umidade, os incêndios, as traças, os ladrões, etc. Isso não deixa de ser importante, mas... só!?

As bibliotecas modernas costumam cumprir com sua missão prática de forma correta; no entanto, descuidam um aspecto muitíssimo mais elevado. Elas devem ser o recinto onde nossa mente possa pôr em jogo as capacidades intelectuais que Deus nos deu ao criar-nos e, sobretudo, um lugar onde habitem os espíritos celestes, atraídos pela nobreza do ambiente.

Entre Anjos e homens há diferenças enormes, tanto na natureza quanto na capacidade de atuar no plano sobrenatural, mas todos têm um ponto em comum: a razão. Obviamente a inteligência angélica supera, de longe, a dos mortais. Mas essa afinidade existente entre criaturas tão diversas foi por algum motivo desejada pelo Altíssimo.

Assim sendo, uma biblioteca arquetípica não deve visar apenas o funcional, mas confortar a alma que deseja elevar-se aos altos páramos da sabedoria. Precisa também ter uma beleza própria a atrair os nossos “irmãos” Anjos.

Proveito para nós! Além de enriquecer nossa cultura, ao frequentar um local assim, estreitamos vínculos com as legiões do Céu. E os estudos simples ou complexos que ali realizamos facilmente se transformam em algo muito mais alto e sobrenatural. Com efeito, a essência da oração não consiste apenas em recitar longas preces, mas na elevação da mente a Deus. ✧



Fotos: Daniel Letelier



João Paulo Rodrigues

Aspectos da biblioteca da Casa Lumen Prophetæ, Mairiporã (SP)



Charly Bernasconi

Rainha da vontade divina

Por uma especialíssima predileção, Nossa Senhora participa da realeza divina de modo “sui generis”. Deus como que Se entregou inteiramente a Ela e confiou-Lhe o cetro de seu poder, para que governe a criação, a História e – oh, mistério insondável! – a Ele mesmo. A este título, pode-se afirmar que, por um sublime arcano, Maria é Rainha até da vontade divina,

gozando de uma audiência onipotente ante o trono do Altíssimo. Tudo está sob seus pés, e a Trindade Se comypraz em ser regida por sua Filha, Mãe e Esposa.

O Criador Se submeteu de tal maneira à Virgem que, por assim dizer, sem Ela nada pode fazer.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP